

Ano 03, 14 de março de 2013
ISSN - 2236 9570

cartas ao tempo

revista

**mangues
& letras**

Expediente

Organização e seleção de texto: Tânia
Maria de Araújo Lima

Programador: Jonathan Silva Gomes

Revisão: Andréa Cristina Soares Costa;
William Brenno dos Santos Oliveira

Arte final da capa e contracapa:
Tânia Lima

Contato - email:
manguesletras@gmail.com

Conselho Editorial

Fábio Mário (Lisboa); Conceição Flores (RN); Maria do Céu Baptista (Cabo Verde); Sherry Almeida (PE); Rebecka de França (RN); Fátima Costa (PE); Carlos Emílio Corrêa Lima (CE); Kajsa Johansson (Holanda); Rosângela Trajano (RN); Ana Santana (RN); Savio Roberto (PE); Juliana Galvão (PE); Fábio Vieira (RN).

Editorial

Uma revista de arte nasce entre cartas ao tempo e postais antigos. Em meio aos garranchos, as páginas amareladas do contexto desenham de um só golpe o instantâneo. Nas esferas das epístolas, escritor(a)s se apresentam com estilos quase timbrados, marcas d'água, letras minúsculas, garrafais, erratas, rasuras, consertos & concertos. Cartas são estranhas criaturas que penetram o desconhecido mundo do outro; são formas de ver o mundo pelas tessituras do instante já; lugares avessos, equidistantes daqui e dali numa simples lauda de papel.

Carteiros imateriais

Jonathan S. Gomes; Otto; Manoel de Barros; José Mindlin; Orides Fontela; Sigmund Freud; Miriam Alves; Elisa Lucinda; Luíza Brasil; Alberto Veiga Guignard; Caio Fernando Abreu; Janis Joplin; J. Hendrix; Bob Marley; Moacyr Cirne.





CARNAVAL NO RIO

Carta para todos os Orixás.

Durante muito tempo vivi em meio de incertezas, dúvidas e até mesmo medo de algo que me era tão próximo e familiar. Quando mais novo, ouvia de minha casa o lufar dos tambores ao cair da noite, tocando aquela música desconhecida, anunciando uma festa que nunca vira. Aquele som relaxava meu corpo e o tencionava, me davam arrepios agradáveis, esquentava meu sangue e me chamava para dançar, me chamava. Porém mesmo sentindo

essa maré incontrolável, os olhares e as palavras de repressão que ouvia me faziam pensar, "Há algo de errado comigo ou com aquele lugar?", a resposta nunca me foi dada.

Tive uma infância divertida e livre. Brincar na rua, subir em árvores, pegar doces de Cosme e Damião nas casas. Engraçado como no dia de Cosme e Damião nos era permitido ir à casa do som dos tambores pegar doce, mas em qualquer outro dia era castigo na certa, com risco de levar uma surra. Nomes sempre viam junto com as proibições.

“Macumba”, “Catimbozeiro”,
“Despacho”, “Trabalho de magia
negra”, “coisa do diabo” etc. Para
mim aquilo não fazia sentido algum,
mas o medo e a repulsa que vinham
com essas palavras me fizeram cada
vez mais, criar uma distância
daquela casa, das pessoas da casa,
do que se era feito dentro da casa,
mas os tambores não, eles sempre
estiveram lá, soando, sempre me
fazendo sentir as mesmas coisas,
chegando a me parar na rua mal
iluminada e vazia em meio à noite,
fechar os olhos e me deixar levar por
aquele som que me diziam ser

profano, porem em meus ouvidos era
doce.

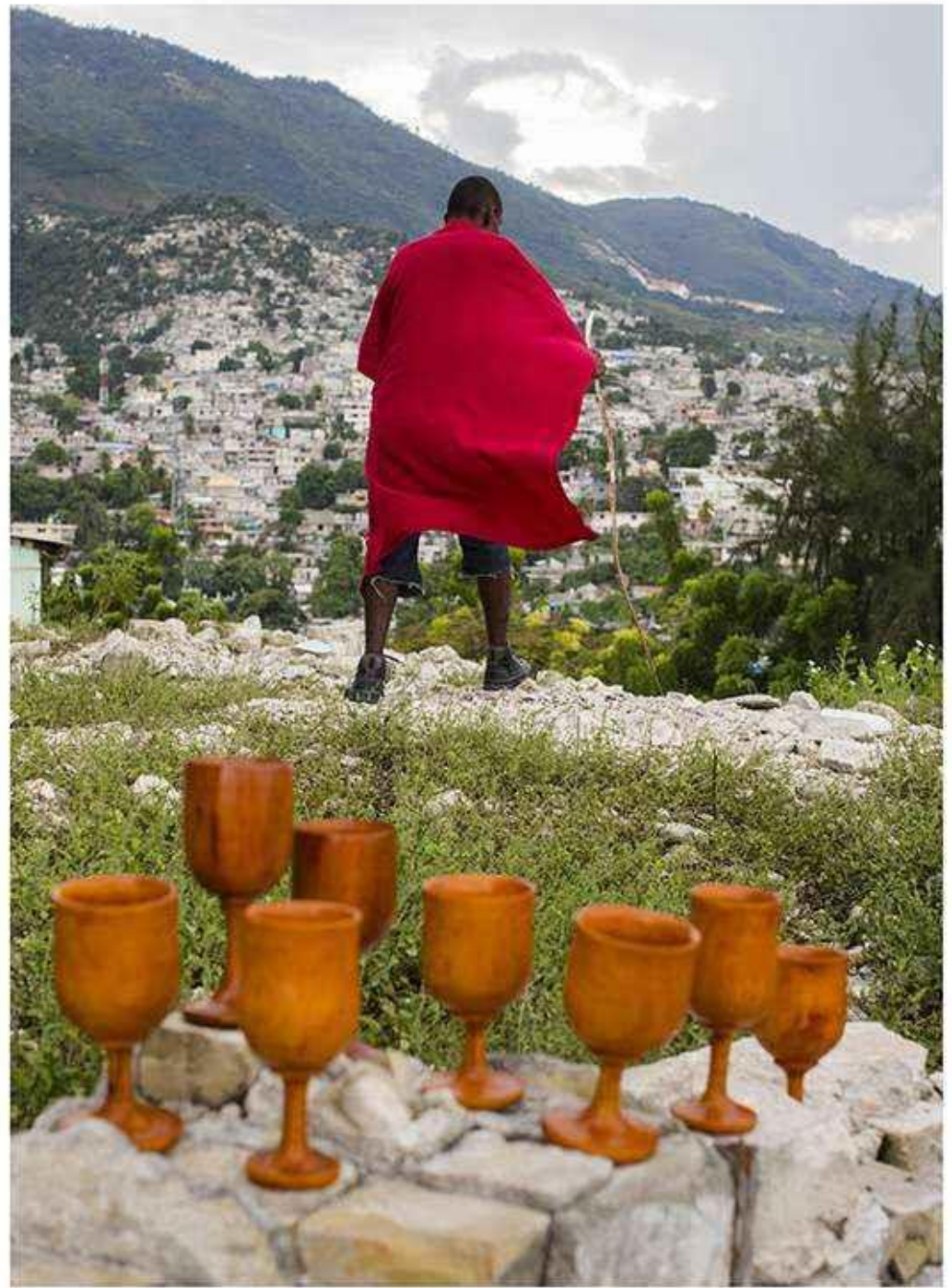
Após anos de duvidas, medos
infundados e lutando contra todos os
preconceitos que se instalaram fundo
em meus ossos, tive a coragem de ir
uma casa de Candomblé... E foi
como voltar pra casa após anos em
terras desconhecidas. Tive que
reaprender a minha língua, voltar a
usar a vestimenta apropriada,
reaprender toda uma cultura que me
foi negada em minha infância,
entretanto, sempre estive em meu
sangue. Era uma terra, um mundo
diferente em tudo o que eu já tinha

vivido, mas fazia tanto sentido quanto as ondas do mar, o balançar das árvores pelo toque do vento. Estava em fim em casa. Lá reencontrei minha mãe, meu pai, meus irmãos e irmãs. Desses encontros, rever meu guia, meu anjo da guarda, meu Orixá, foi o que fez meu coração bater como aqueles tambores da minha infância. A música soou igual, o som me veio na mesma intensidade, os sentimentos e sensações eram as mesmas, a única diferença era que agora eu entendia o som dos atabaques, então tudo fez sentido em minha vida.

Tentei de alguma forma agradecer a todos os Orixás, a minha Mãe de Santo e todos que me ajudaram a entender e viver a minha fé, mas não consigo encontrar palavras doces para atos tão doces. Então, deixo aqui expresso o que sinto dentro de meu âmago, dos meus ossos, de meu sangue, em cada suspiro que dou nessa minha vida efêmera. Nada no mundo irá pagar ou apagar esse amor, essa fé que sempre habitou em mim, desde a época em que ouvia som que vinha da casa dos tambores. Axé.

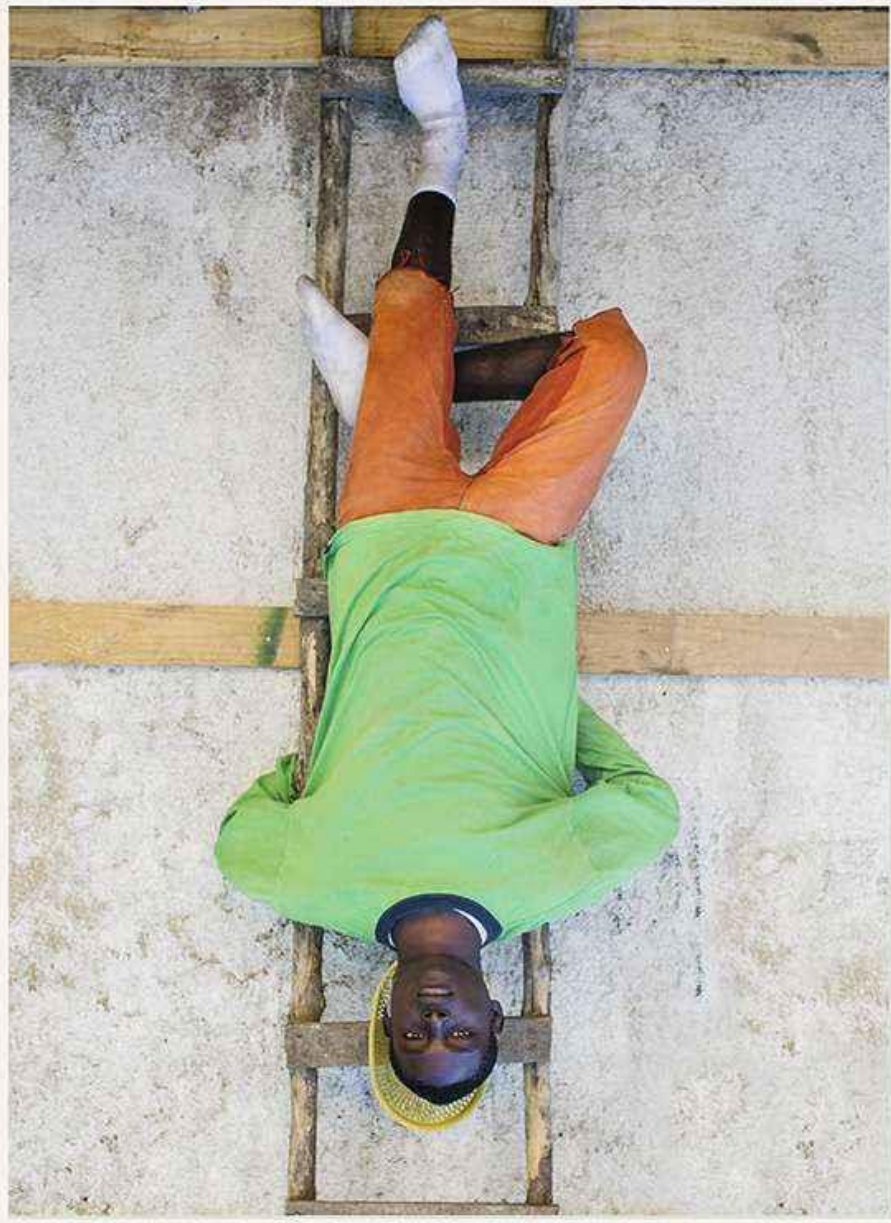
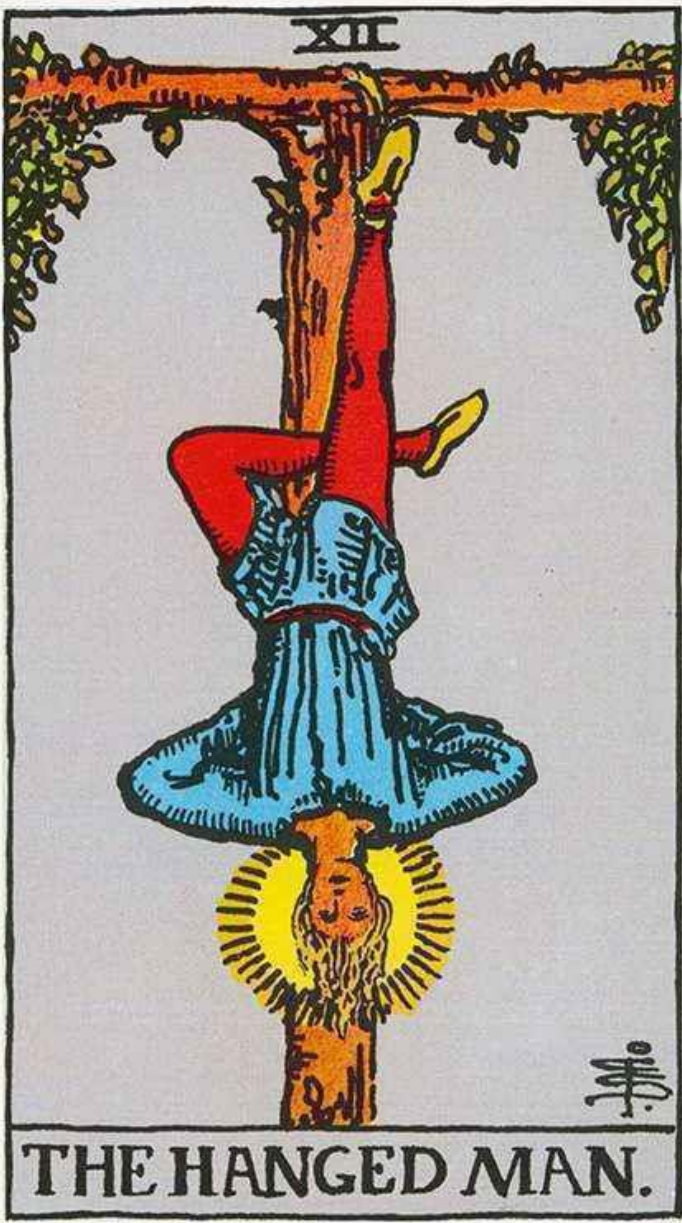


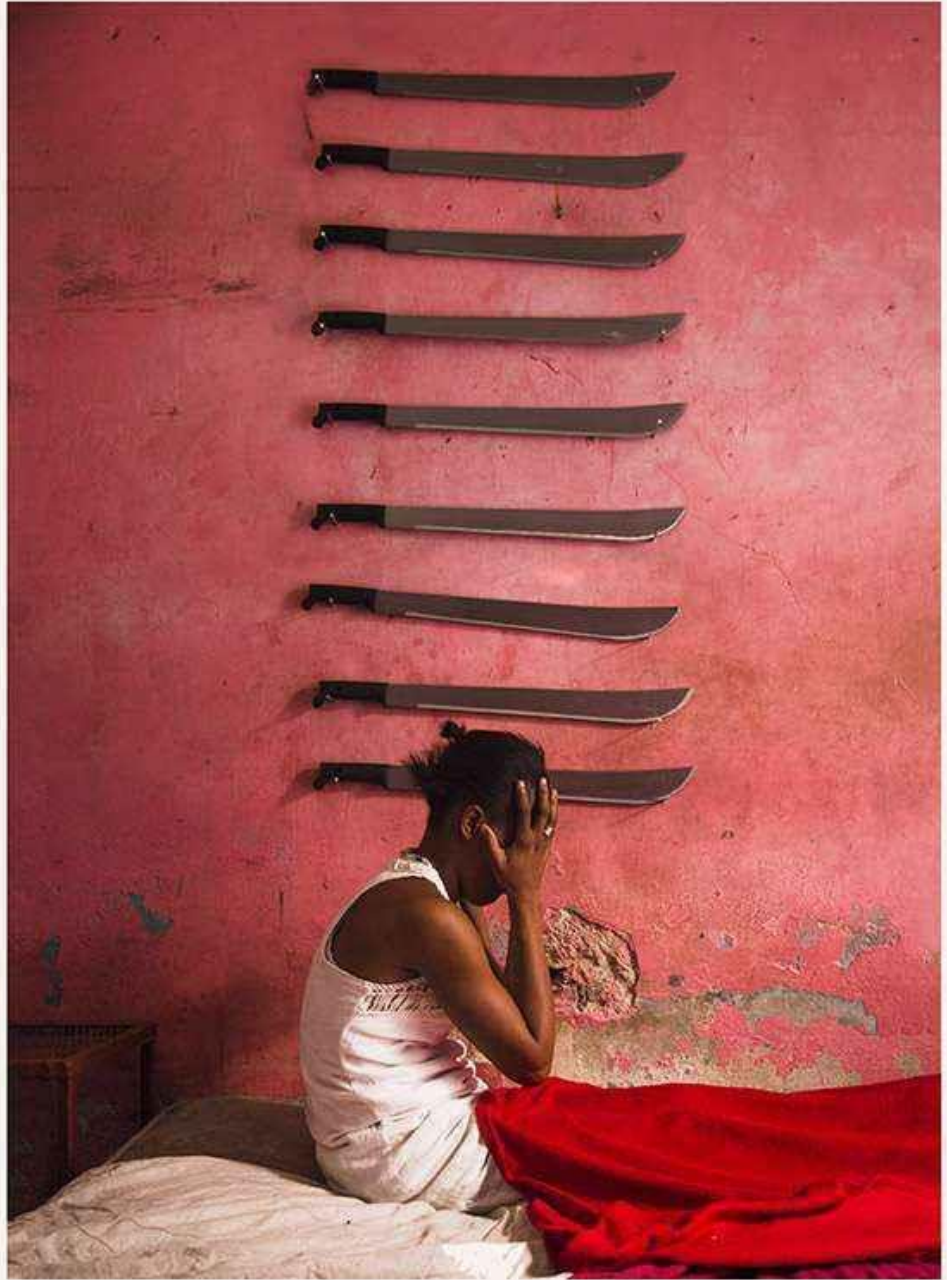
Jonathan S. Gomes.



ALICE SMEETS

Fotógrafa belga reproduz
imagens de cartas de
tarot em favela no Haiti





Na lama do

Recife

sou Xangô


Otto





78 Droit FOLIE Droit 78

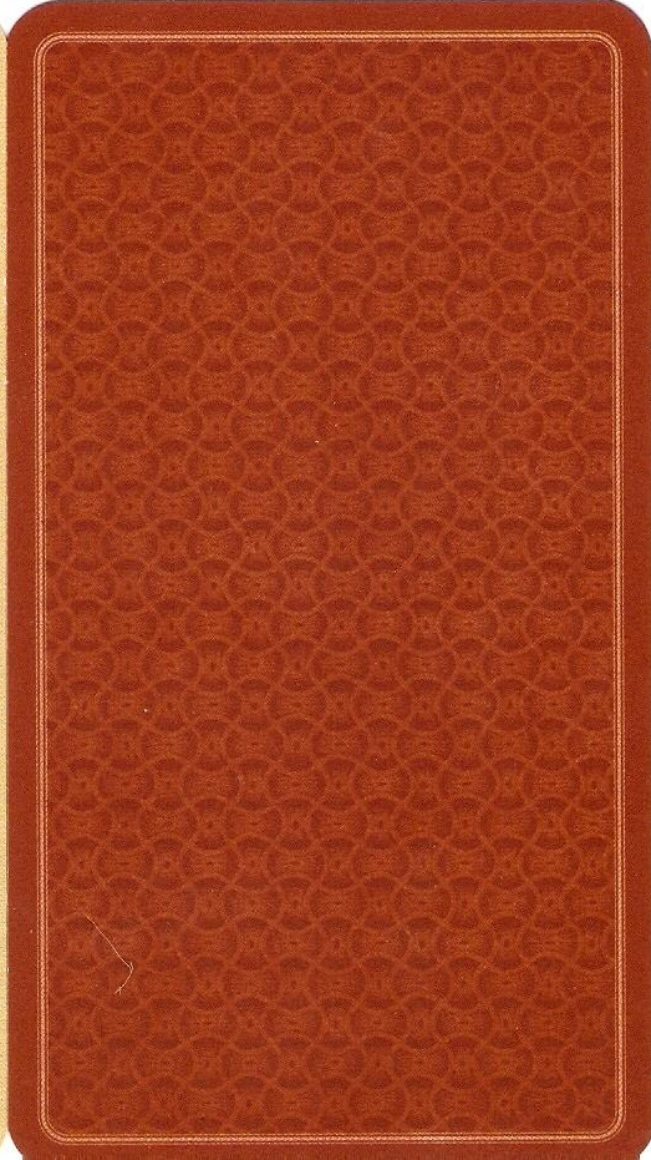
LA FOLIE OU L'ALCHIMISTE



LA FOLIE OU L'ALCHIMISTE

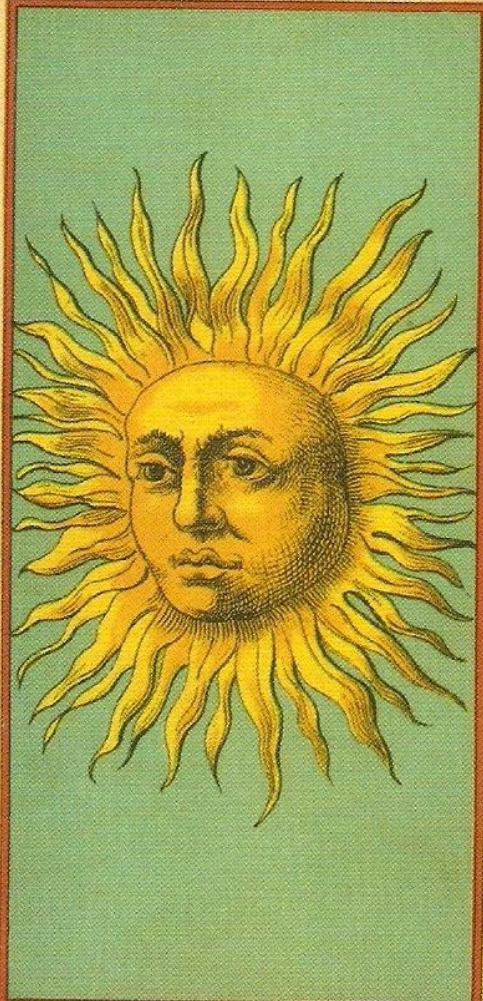
78 Renversé FOLIE Renversé 78

This tarot card, numbered 78, is titled 'FOLIE' (Folly) and 'LA FOLIE OU L'ALCHIMISTE' (Folly or the Alchemist). The illustration shows a man in a jester's costume, including a pointed hat with a red and yellow band and a red cape over a yellow tunic. He is standing on a patch of ground with some sparse vegetation. He has both hands pressed against his eyes, suggesting blindness or a refusal to see. The card is numbered '78 Droit' at the top and '78 Renversé' at the bottom.



2 Droit ÉCLAIRCISSEMENT Droit 2

LA LUMIÈRE



LA LUMIÈRE

2 Renversé FEU Renversé 2

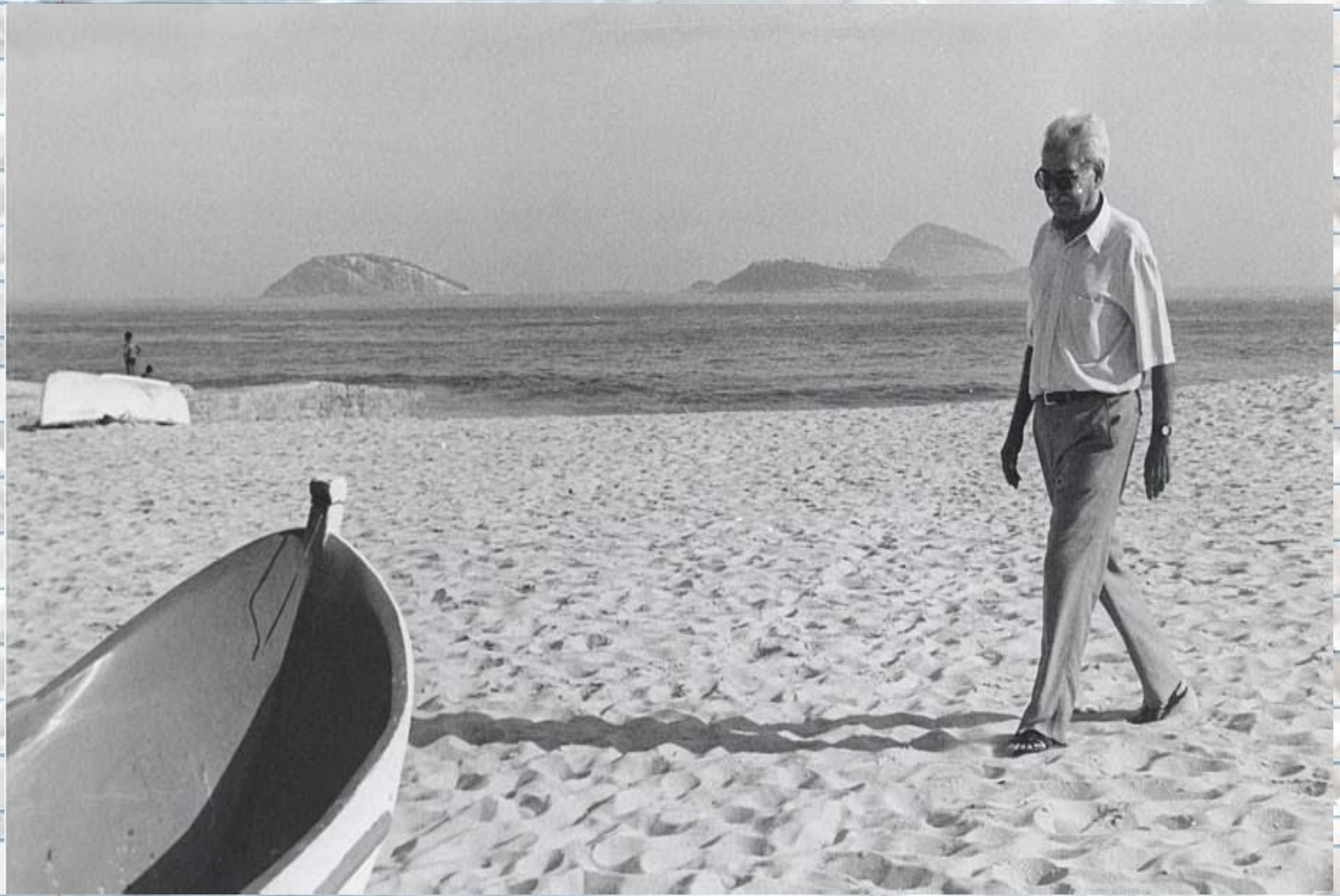
This tarot card, numbered 2, is titled 'ÉCLAIRCISSEMENT' (Illumination) and 'LA LUMIÈRE' (The Light). The illustration features a bright yellow sun with a human face, looking slightly to the right. The sun's rays are depicted as long, flame-like tongues. The background is a solid light green. The card is numbered '2 Droit' at the top and '2 Renversé' at the bottom. The word 'FEU' (Fire) is written at the bottom center.

CARTA ACRÓSTICA

Vovó aqui é Tristão.
Ou fujo do colégio.
Viro poeta.
Ou mando os padres...

Nota: Se resolver pela segunda
mande dinheiro para comprar um
dicionário de rima e um tratado de
versificação de Olavo Bilac e
Guima, o do lenço.

Manoel de Barros



Um poema

Enxada de Botafogo

O corpo quasi qm. morava ali equilibrado nas
[curvas da enxada!]

Ao lado de enormes onibus verusinhos que
[meditavam lindos em estado animico
[dentro do passageiro]

Ligavam habitaçoes a scitorios, scitorios e
[randevus, randevus à casa do ché]

Tambem cabeças infantis inclinadas para
[o mar respiravam perto do corpo]

E ele equilibrado nas curvas da enxada!

Tantas vezes

que ficou como certas casinhas, jateis, evouadas
[fora de ^{suas} paisagens, ~~fora de~~]

Manuscrito do Poema
Enseada no Botafogo,
de Manoel de Barros

S. Paulo, 5-XI-42

Manoel de Barros

Recebi a "Face Tomavel" e faz dias que estou pra-
lhe escrever agradecendo a oferta. Seu livro é real-
mente bom e você vai me desculpar se não
parabenizo as qualidades do meu benquerer
pelo seu livro e sua poesia. Realmente não po-
do fazer isto: excesso de trabalho e sobretudo
esta espécie de fadiga de viver artes que me
tomou agora com esta guerra. Vivo tomado de
uma tamanha "evidência" de que não vale
a-pena que nem sei bem como é que estou
vivendo.

Mas a verdade, gostei com franqueza da Face
Tomavel e relei seus versos. Há na existência
deles uma real intensidade de poesia, poesia
em vertical, mesmo diante dos temas objetivos
que você se comprometeu a descrever. Enfim é
de-fato um livro de poesia. E poesia que me
comoveu. Muito obrigado.

Y. de Freitas

CARTA DE MÁRIO DE ANDRADE

MANOEL DE BARROS EM 1942

Uma viagem ao mundo dos sentidos. Era 1962. Festa de natal dos funcionários da Metal Leve, em Santo Amaro. Farejou o aroma dos comes e bebes. Pais e filharada tudo junto. O pai, faxineiro e oito filhos. Bom 'salário-família', na época. Somados todos os filhos, salário fixo mais que dobrava.

Ela vibrava com os sons da alegria que chegavam aos seus ouvidos, anunciando presentes nem sequer sonhados.

Saboreou os sanduíches fartos e sucos que não eram Tubaina nem Grapette. Gostou dos doces que não eram Neuza nem Paçoquinha. E tinha maçã do amor.

Tateou seu pacote e sentiu o coração acelerar. Tinha brinquedo e tinha um livro: Uma Folha na Tempestade, de Lin Yutang. Seu primeiro livro novo.

Deslumbrou uma nova viagem literária. O prazer de ler que sua vista alcançava, era: revistas velhas 'Sétimo

Céu', a revista Detetive e X-9. Também qualquer outra sobra que encontrava. Até bula de remédios.

José Mindlin, maior bibliófilo do país, advogado, empresário, conselheiro, entre outras coisas. Não tinha dificuldade em conciliar os múltiplos interesses. Os livros, um fio condutor de uma vida inteira. Percorrendo diversos caminhos ao longo dos seus 95 anos, foi um divisor de águas na vida daquela menina. Plantando sementes, gerando novos leitores.

Sempre viu a empresa como uma instituição de progresso coletivo, com obrigações sociais incluindo a cultura. Sentindo-se um peixe dentro d'água na imersão nos livros e na responsabilidade social. O interesse cultural desde sempre.

Passados mais de quarenta anos, ela lhe escreveu contando sobre o quanto a atitude em dar livros de presente na cesta de natal, foi importante em sua vida.

Dias depois, uma resposta amável e outro livro de presente: 'Uma Vida entre Livros' de José Mindlin. Um eterno doador de livros a despertar ternura e saudades.

“Carta não é papel velho”, diz Mindlin

O bibliófilo de 94 anos lança em livro parte de sua preciosa coleção de correspondências que contam a história do Brasil letrado

Livia Deodato

Há 86 anos, o garoto José Mindlin foi passear com a sua tia nas praias límpidas e quase selvagens do Guarujá. De lá, resolveu escrever uma carta para sua família, “porque naquele tempo a ligação telefônica era muito demorada”. Ele sabia que seu pai havia acabado de enfrentar uma cirurgia e quis demonstrar toda a sua compaixão logo na primeira linha: “Espero que todos estejam bem, menos papai.” A lógica infantil sempre surpreende, mas, afinal, é uma lógica. “Minha família ficou escandalizada. Me questionavam como é que eu podia não querer que meu pai estivesse bem”, relembra, às gargalhadas, o mesmo garoto, hoje com 94 anos.

Obem-humorado bibliófilo insiste em dizer que sua memória anda falha, que é tímido, preguiçoso e que transmite a falsa impressão de ser ordeiro. Pois se analisássemos com atenção somente a obra que será lançada amanhã – *Cartas da Biblioteca Guita e José Mindlin* –, poderíamos facilmente juntar esses adjetivos e trocá-los por uma só característica: a extrema modéstia que sempre lhe foi peculiar.

Há cerca de três anos, os editores da Terceiro Nome se interessaram pelos “papéis velhos” que Mindlin sempre sentiu prazer em colecionar. São cartas trocadas por personalidades da literatura, artes plásticas, música e até pela nobreza, onde estão impressas datas



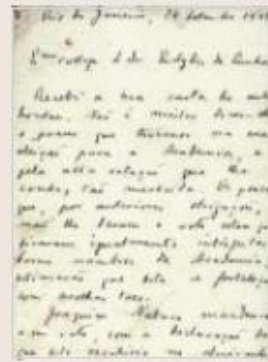
MINDLIN - Cartas trocadas por personalidades entre os séculos 17 e 20

entre os séculos 17 e 20.

Como essa coleção foi iniciada, Mindlin não se recorda com precisão. “É um desses mistérios que acho que nunca serão resolvidos”, resume, outra vez aos risos. O livro que amanhã

vai lançar, “graças ao interesse dos editores e por mérito de minhas secretárias e bibliotecárias Cristina Antunes, Rosana Gonçalves e Elisa Nazarian”, contempla 55 das mais de 300 cartas que guardou ao longo da

DE MACHADO PARA EUCLIDES



●● “Rio de Janeiro, 24 setembro 1903
Il.^{mo} collega Sr. Dr. Euclides da Cunha,

Recebi a sua carta de antontem. Não é mister dizer-lhe o prazer que tivemos na sua eleição para a Academia, e pela alta votação que lhe coube, tão merecida. Os poucos que, por anteriores obrigações, não lhe deram o voto, estou que ficaram igualmente satisfeitos. Como membros da Academia, estimarão que esta se fortaleça com escolhas taes.

Joaquim Nabuco mandou-me o seu voto, com a declaração de que este recahiria no almirante Jaceguay, se se apresentasse candidato. Não se apresentando, votaria no autor dos Sertões, e foi o que succedeu, por meu intermedio. Pediu-me que lhe transmitisse a carta que achará inclusa, e só agora o faço, com gr.^o prazer.

Renovo as seguranças de alta consideração e estima, com que sou

Ad.^o e am.^o m.^o obr.^o
Machado de Assis”

vida, entre elas a de Machado de Assis a Euclides da Cunha em 1903, parabenizando-o pelo ingresso na Academia Brasileira de Letras (*leia quadro ao lado*); ou ainda a de José Saramago ao próprio Mindlin em 1991,

externando a sua insatisfação sobre uma conselheira cultural brasileira enviada a Portugal. Cujo motivo entendemos poucas linhas adiante, por meio de uma lúcida intervenção do bibliófilo: “A conselheira cultural

do Brasil, a quem Saramago se refere na carta aqui publicada, decidira fazer um cadastramento dos intelectuais portugueses, e enviara um formulário que deveria ser preenchido por Saramago. José Mindlin, em resposta ao escritor, pediu desculpas em nome do Brasil.”

Na obra, as cartas aparecem reproduzidas e reescritas, além de oferecer uma breve biografia dos remetentes e destinatários. Os personagens envolvidos nas mensagens e o contexto ao qual eles estavam submetidos ganham ainda mais cores através de textos elucidativos concedidos por Mindlin. Outros, ele mesmo admite, dispensam quaisquer apresentações, como é o caso do poeta Manoel de Barros na segunda frase da carta que destina ao próprio bibliófilo: “(Não se lpor que esta letra vai ficando cada vez menor, vai virando uma formiguinha)”.

José Mindlin está radiante por poder contribuir com mais uma obra para o acervo *Brasiliana*, de 17 mil títulos, doado à USP, previsto para ser abrigado até o fim de 2009 na Biblioteca Guita e José Mindlin, que está sendo erguida no câmpus. E não pretende deixar de escrever e receber cartas, ainda que tenha tomado certo gosto pela troca de mensagens instantâneas via internet. ●

Serviço

● *Cartas da Biblioteca Guita e José Mindlin*. Ed. Terceiro Nome. 216 pág. R\$ 56. Livraria da Vila. Al. Lorena, 1.731. Amanhã, 11h30

CHARLES CHAPLIN

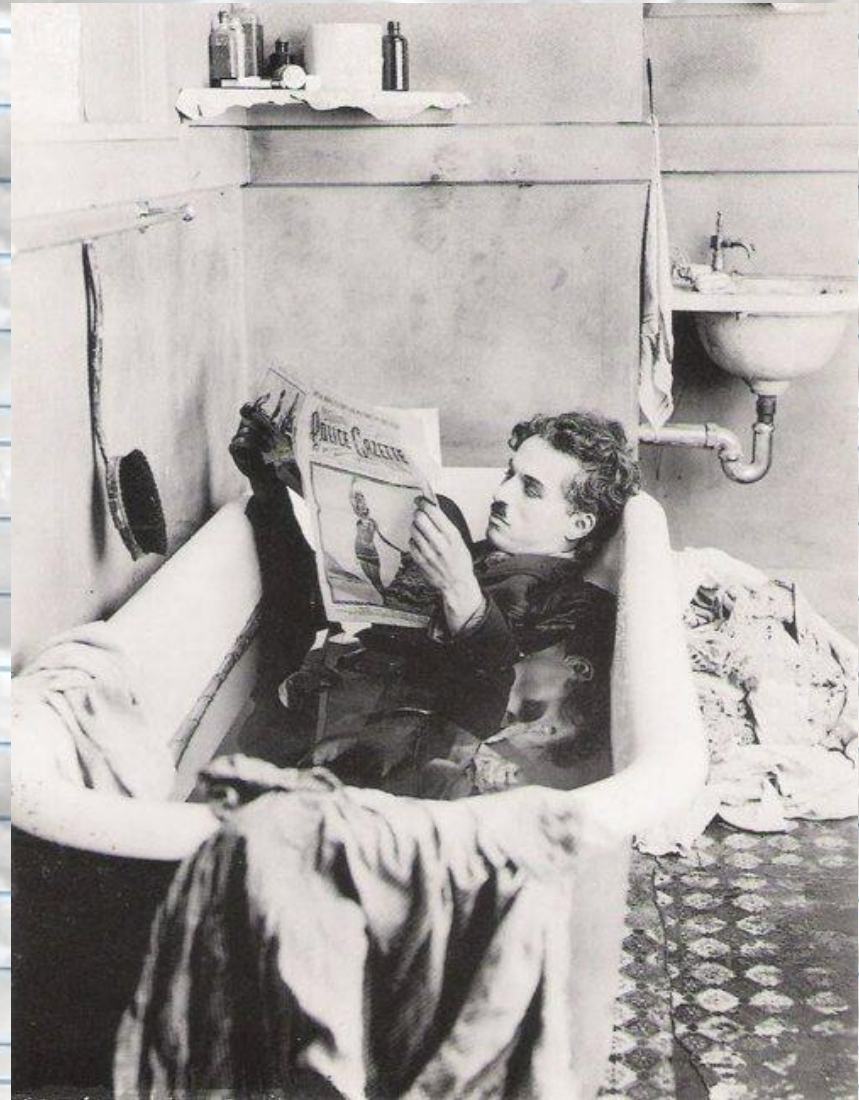
April 16th, 1964

Dear Mr. Müller,

Just a note to thank you
for your kind remembrance on this
solemn and desperate occasion, my
seventy-fifth birthday.

Sincerely

Charles Chaplin

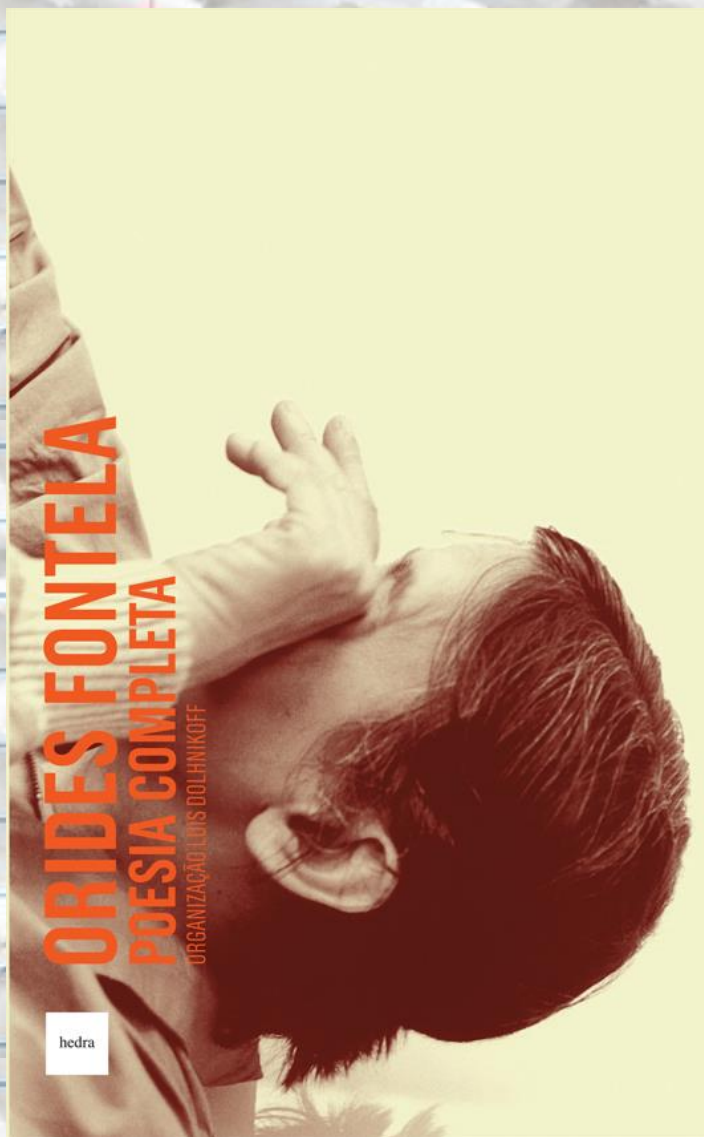




CARTA

Da
vida

não se espera resposta.



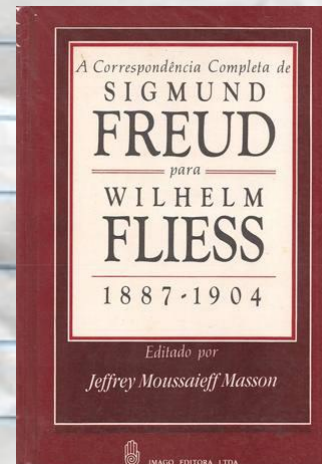
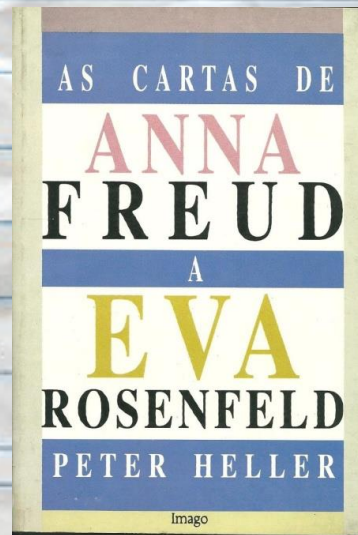
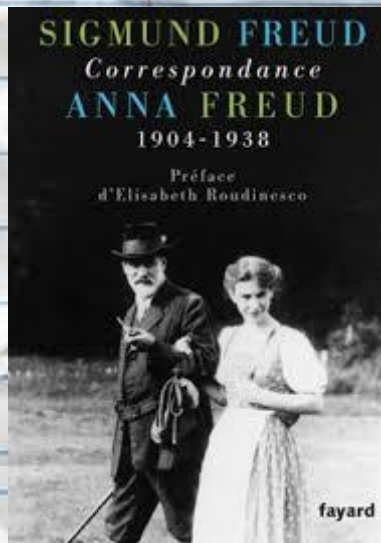
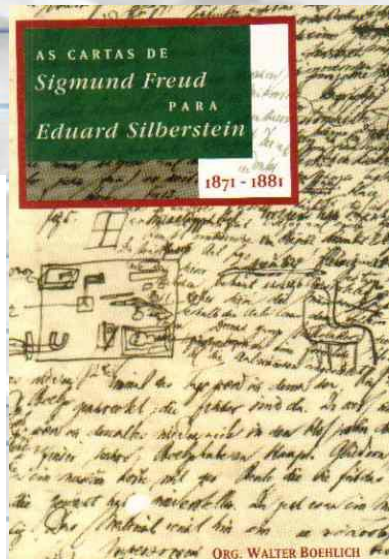
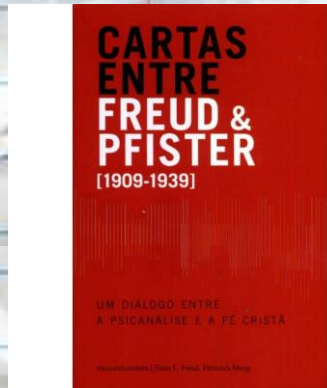
São Paulo, 27.2.96

Sr. Soares Feitosa

Agradeço seus trabalhos, de coração. Inda não li com cuidado para poder criticar, desculpe. Deu para perceber que o senhor é um lírico, — até romântico — influenciado pelo modernismo. Mas parei aí. Estou certa? Ah, o papo sobre a Internet é interessante. Não sei nada de computador nem me é possível ter um, mas que é um meio quente

para divulgação é. Só espero uma coisa: não estar lá sem saber, acharia chato não ter a informação - mas até o momento isto não me aconteceu inda, creio. Se acontecer, me avise, tá? Sem mais um abraço.

ORIDES FONTELA

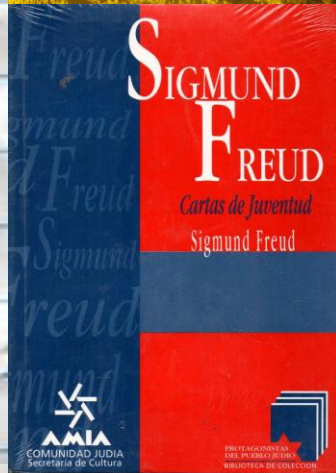


Carta de Freud para a mãe de um homossexual

Certa vez, a mãe de um jovem homossexual escreveu uma carta a Freud com a intenção de que seu filho fosse “curado” pelo psicanalista. Eis a resposta que – apesar de ter mais de 80 anos – parece ainda igualmente válida para os nossos dias:

19 de abril de 1935

“Minha querida Senhora,
Lendo a sua carta, deduzo que seu filho é homossexual. Chamou fortemente a minha atenção o fato de a senhora não mencionar este termo na informação que



acerca dele me enviou. Poderia lhe perguntar por que razão? Não tenho dúvidas que a homossexualidade não representa uma vantagem, no entanto, também não existem motivos para se envergonhar dela, já que isso não supõe vício nem degradação alguma.

Não pode ser qualificada como uma doença e nós a consideramos como uma variante da função sexual, produto de certa interrupção no desenvolvimento sexual. Muitos homens de grande respeito da Antiguidade e Atualidade foram homossexuais, e dentre eles, alguns dos personagens de maior destaque na história como Platão, Miguel Ângelo, Leonardo da Vinci, etc. É uma grande injustiça e também uma crueldade, perseguir a homossexualidade como se

esta fosse um delito. Caso não acredite na minha palavra, sugiro-lhe a leitura dos livros de Havelock Ellis.

Ao me perguntar se eu posso lhe oferecer a minha ajuda, imagino que isso seja uma tentativa de indagar acerca da minha posição em relação à abolição da homossexualidade, visando substituí-la por uma heterossexualidade normal. A minha resposta é que, em termos gerais, nada parecido podemos prometer. Em certos casos conseguimos desenvolver rudimentos das tendências heterossexuais presentes em todo homossexual, embora na maioria dos casos não seja possível. A questão fundamenta-se principalmente, na qualidade e idade do sujeito, sem possibilidade de determinar o resultado do tratamento.

A análise pode fazer outra coisa pelo seu filho. Se ele estiver experimentando descontentamento por causa de milhares de conflitos e inibição em relação à sua vida social a análise poderá lhe proporcionar tranquilidade, paz psíquica e plena eficiência, independentemente de continuar sendo homossexual ou de mudar sua condição."



The image shows the front cover of a book. The cover is a solid, light yellow color. At the top, there is a curved purple border. The text on the cover is centered and reads: 'Sigmund Freud' in a serif font, with 'Sigmund' in a smaller font above 'Freud'. Below this, 'CORRESPONDENCIA' is written in a bold, purple, sans-serif font. Underneath that, 'EDITORIAL TROTTA' is written in a small, black, sans-serif font. To the right of 'EDITORIAL TROTTA', the name 'Carl Gustav Jung' is written in a large, black, serif font, with 'Carl Gustav' in a smaller font above 'Jung'.

Sigmund
Freud
CORRESPONDENCIA
EDITORIAL TROTTA
Carl Gustav
Jung

Prof. Dr. C. G. JUNG

KÖSNACHT-ZÜRICH
SEESTRASSE 22B
January 30, 1961

Mr. William G. Wilson
Alcoholics Anonymous
Box 459 Grand Central Station
New York 17, N.Y.
=====

Dear Mr. Wilson,
your letter has been very welcome indeed.
I had no news from Roland H. anymore and often wondered what has been his fate.
Our conversation which he has adequately reported to you had an aspect of which
he did not know. The reason ~~was~~, that I could not tell him everything, ~~was that~~
those days I had to be exceedingly careful of what I said. I had found out that
I was misunderstood in every possible way. Thus I was very careful when I talked
to Roland H. But what I really thought about, was the result of many experiences
with men of his kind.
His craving for alcohol was the equivalent on a low level of the spiritual
thirst of our being for wholeness, expressed in mediaeval language: the union
with God.¹⁾

How could one formulate such an insight in a language that is not misunderstood
in our days?
The only right and legitimate way to such an experience is, that it happens to
you in reality and it can only happen to you when you walk on a path, which leads
you to higher understanding. You might be led to that goal by an act of grace
or through a personal and honest contact with friends, ~~or~~ through a higher
education of the mind beyond the confines of mere rationalism. I see from your
letter that Roland H. has chosen the second way, which was, under the circum-
stances, obviously the best one.

I am strongly convinced that the evil principle prevailing in this world, leads
the unrecognized spiritual need into perdition, if it is not counteracted either
by a real religious insight or by the protective wall of human community. An
ordinary man, not protected by an action from above and isolated in society
cannot resist the power of evil, which is called very aptly the Devil. But the
use of such words arouse so many mistakes that one can only keep aloof from
them as much as possible.

These are the reasons why I could not give a full and sufficient explanation to
Roland H. but I am risking it with you, because I conclude from your very
decent and honest letter, that you have acquired a point of view above the mis-
leading platitudes, one usually hears about alcoholism.

You see, Alcohol in Latin is "spiritus" and you use the same word for the
highest religious experience as well as for the most depraving poison. The help-
ful formula therefore is: spiritus contra spiritum.

Thanking you again for your kind letter
I remain
yours sincerely

C.G. Jung.

¹⁾ "As the hart panteth after the water brooks, so
panteth my soul after thee, O God." (Psalm 42,1)

30 de Janeiro de 1961.

Caro, Sr. W.,

A sua carta foi-me realmente bem-vinda. Não tive mais notícias de Roland H. e muitas vezes desejei saber o seu destino. O diálogo que mantivemos, ele e eu, e que ele muito fielmente lhe transmitiu, teve um aspecto que ele mesmo desconheceu. A razão pela qual não pude dizer-lhe tudo foi que naquela época eu tinha de ser cuidadoso com tudo o que dizia. Eu havia descoberto que estava sendo de todas as maneiras mal interpretado. Portanto, tive de ser muito cuidadoso ao conversar com Roland H. Mas o

que eu realmente concluí de seu caso foi o resultado de minhas inúmeras experiências com casos semelhantes ao dele. Sua fixação ao álcool era o equivalente, num grau inferior, da sede espiritual do nosso ser pela totalidade expressa em linguagem medievá, pela união com Deus (5). Como poderia alguém, naqueles dias, expor tal pensamento sem ser mal interpretado? O único caminho correto e legítimo para tal experiência é que ela aconteça para você na realidade, e ela só poderá lhe acontecer se você procurar um caminho que o leve a uma compreensão mais alta. E você poderá ser conduzido a esta meta pela ação da graça, pela

convivência pessoal honesta com os amigos ou por meio de uma educação mais elevada da mente, para além dos limites do mero racionalismo.

Vi pela sua carta que Roland H. escolheu pela segunda opção, que nas suas circunstâncias era, sem dúvida, a melhor.

Estou firmemente convencido de que o princípio do mal que prevalece no mundo conduz às necessidades espirituais, que, quando negadas, levam à perdição se ele não é contrabalanceado por uma experiência religiosa ou pelas barreiras protetoras da comunidade humana. Um homem comum, desligado dos planos superiores,

isolado de sua comunidade, não pode resistir aos poderes do mal, muito propriamente chamado de Demônio. Mas o uso de tais palavras nos leva a enganos; por isso, temos de nos manter afastados delas, tanto quanto possível.

Eis as razões pelas quais não pude dar a Roland H. plena e suficiente explicação. Estou arriscando-me a dá-la a você por ter concluído, pela sua carta decente e honesta, que você já adquiriu uma visão superior do problema do alcoolismo, bem acima dos lugares comuns que via de regra, ouvem-se sobre ele.

Veja você que "álcool" em latim significa "espírito"; no entanto, usamos a mesma palavra tanto para

designar a mais alta experiência religiosa como para designar o mais depravador dos venenos.

C.G. Jung

A black and white photograph of Nise da Silveira, an elderly woman with short, light-colored hair and glasses. She is wearing a light-colored, patterned blouse and is seated at a desk, looking down at a book or document. The background is a large bookshelf filled with books. In the upper left corner, a small black and white dog is perched on a shelf. The entire image is framed by a white, crumpled paper border.

CARTAS A SPINOZA
NISE DA SILVEIRA

COMMUNISTA PERIGOSA!

A DOUTOURA NISE DA SILVEIRA FOI PRESA, HÁ
TEMPOS, PELA POLICIA

*FARTA DOCUMENTAÇÃO VERMELHA
APPREHENDIDA DENTRO DO PRO-
PRIO HOSPITAL ONDE CLINICAVA*

Fracassado o movimento comunista de novembro ultimo, no hospital, a policia effectuou a prisão dos elementos reconhecidos vermelhos, entre os quaes Nise da Silveira, medica do Hospital Nacional de Alienados.

ve a dr. Nise da Silveira

**NO TRIBUNAL
DE SEGURANÇA**
DO SUMMARIO DA ACCUSADA







Brasil 98

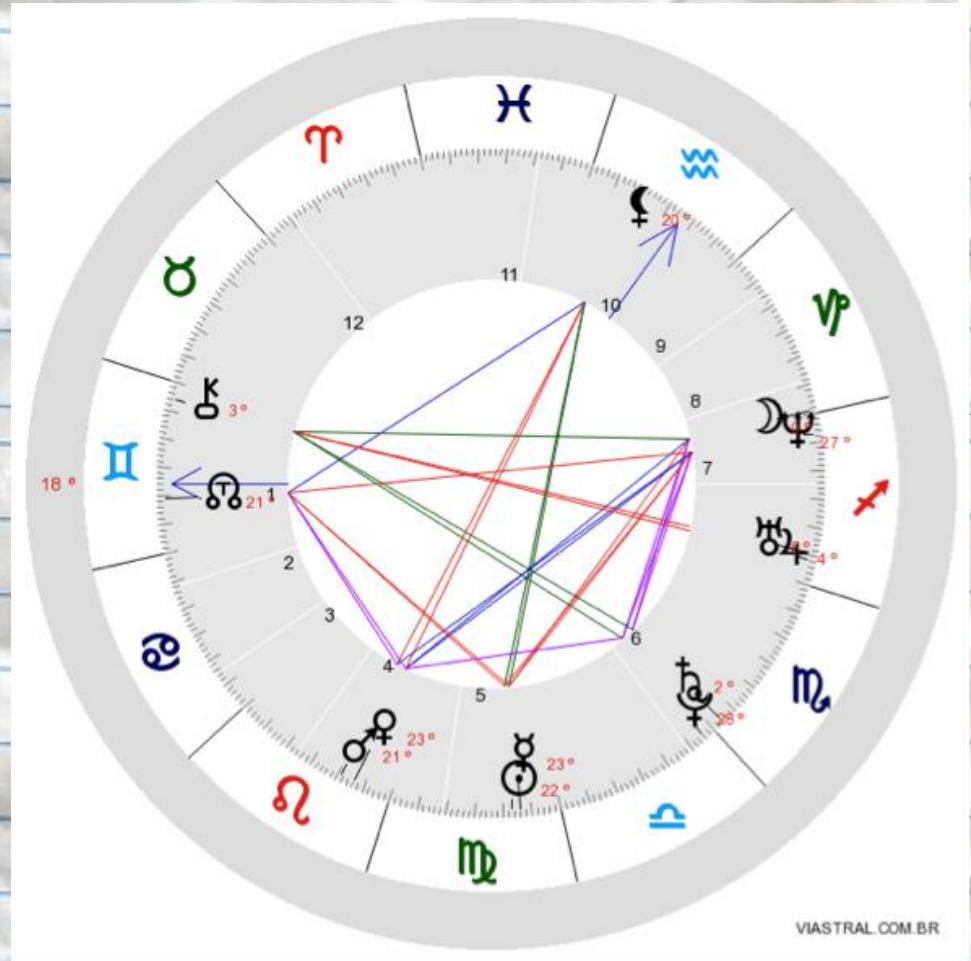
RS 0,22

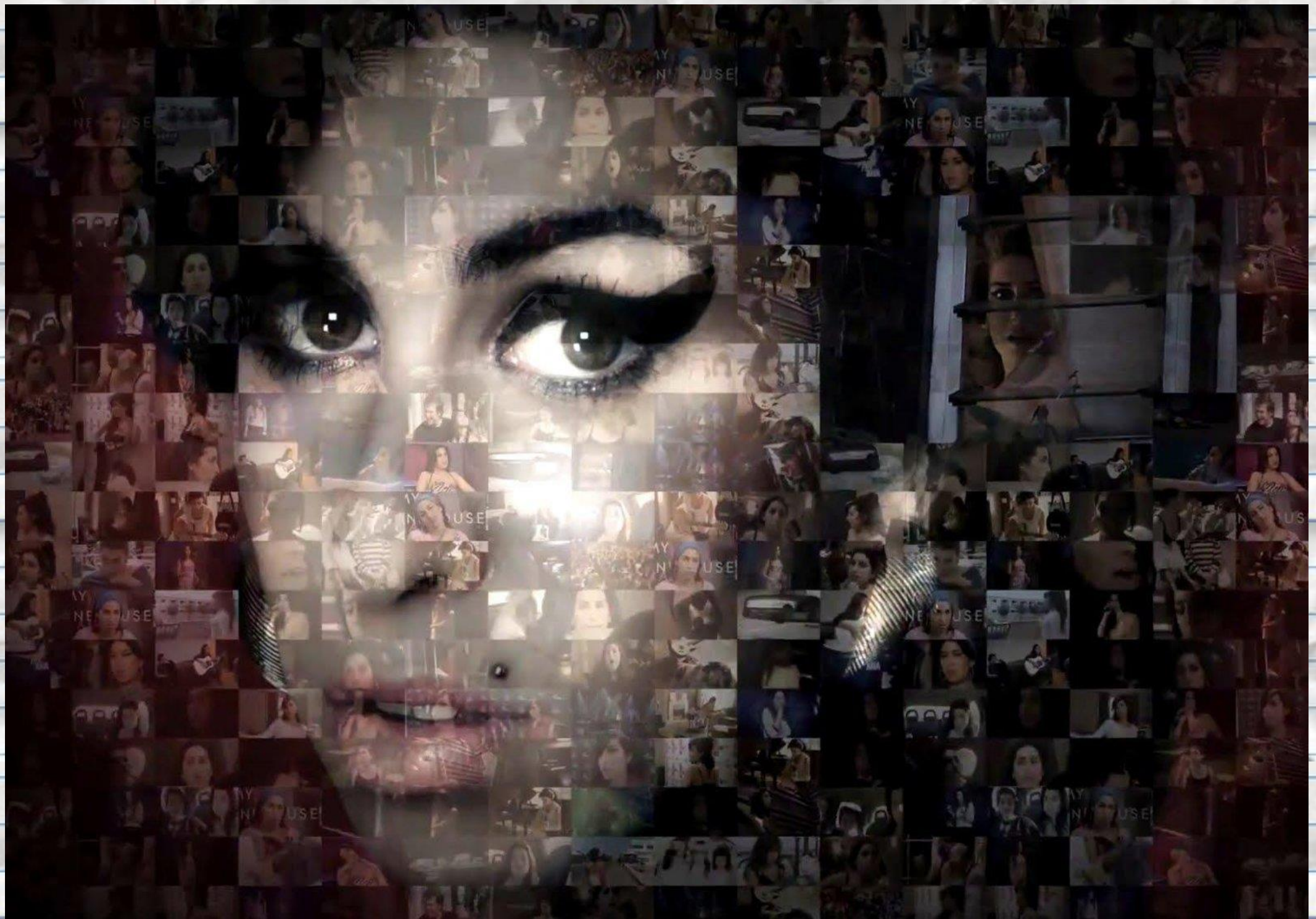


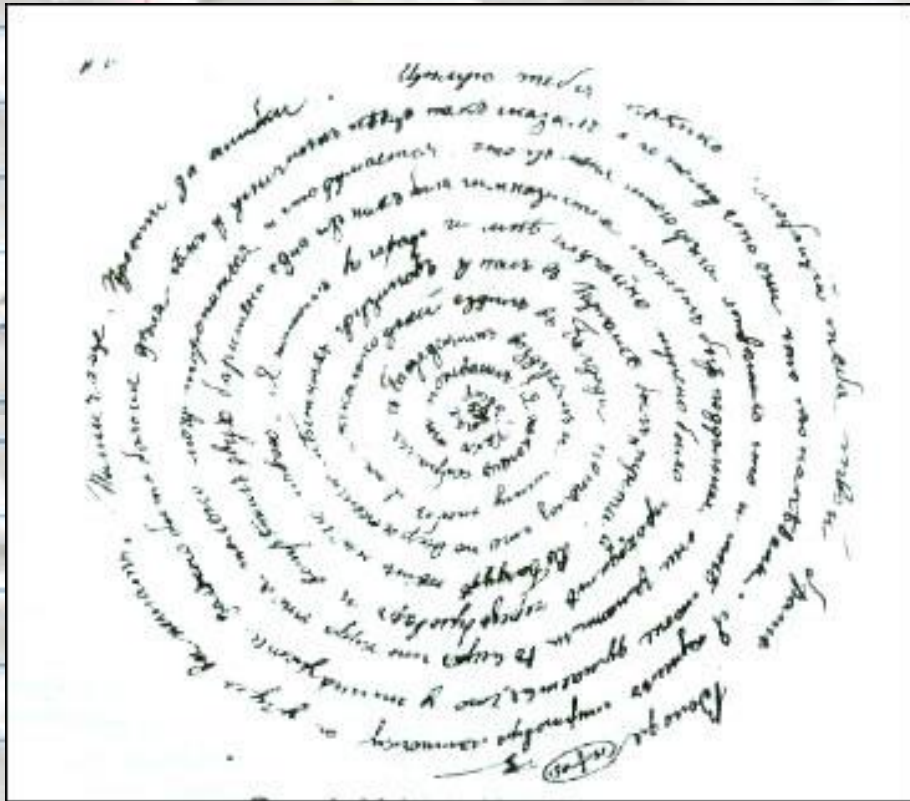
MARINA POPPE

MULHERES - ELIS REGINA

Carta Astral
de Amy Winehouse



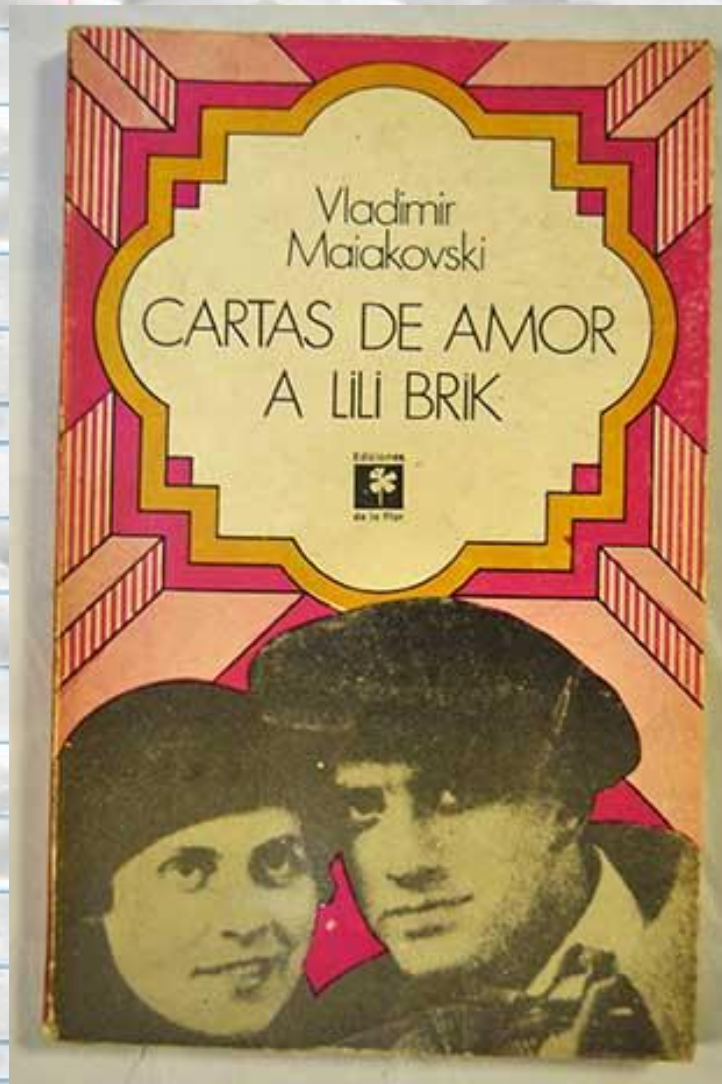




Carta de **Maiaκόvski** aos 12 anos,



CARTA DE AMOR DE MAIAKÓVSKI À LILA BRIK



Moscou, 12 de
novembro de 1921.

Querida Liliók, doce Liliók,
maravilhosa Liliók!

Finalmente recebi tuas
cartas de amor e
imediatamente
experimentei um alívio no

coração. (Nos últimos dias eu estava tão triste que todos me perguntavam o que havia acontecido. Vagava pelos Cafés, ai à casa de algum conhecido e regressava ainda mais triste; agora, pelo contrário, acalmei-me um pouco.) O que mais me preocupava era que não escrevias nada sobre ti. Eu me havia

convencido de que tinhas razões para não escrever nada sobre ti.

Passei muito bem o dia de teu aniversário. Pensei em todo momento na Gata. Não fui a nenhum Café, só estive no de Nad e brindei em plena solidão à tua saúde. Logo caminhei pelas alamedas, em Tvierskoi, onde, quem sabe por que,

havia um telescópio, e observei longamente a lua. Pedi que a enviasse a Riga – dizem que é impossível.

Escreve, escreve e escreve.

A viagem a Kharkov por algum motivo foi postergada.

Todo teu,

Trabalho mal – é difícil.

Maiakóvski

Te beijo, beijo e beijo.

Im Jahre 1904 - ich kann schon so lange nicht geschrieben
 sein. Meine sind auch heute sehr **& etc** mit mir.
 Jedes eine so felle ² mitgehörigen müsste ich wenn
 nicht schreiben **K** nicht Sie waren ja, wie ich
 Kasse eine tolle **Kafka** ³ **K** ⁴ **K** ⁵ **K** ⁶ **K** ⁷ **K** ⁸ **K** ⁹ **K** ¹⁰ **K** ¹¹ **K** ¹² **K** ¹³ **K** ¹⁴ **K** ¹⁵ **K** ¹⁶ **K** ¹⁷ **K** ¹⁸ **K** ¹⁹ **K** ²⁰ **K** ²¹ **K** ²² **K** ²³ **K** ²⁴ **K** ²⁵ **K** ²⁶ **K** ²⁷ **K** ²⁸ **K** ²⁹ **K** ³⁰ **K** ³¹ **K** ³² **K** ³³ **K** ³⁴ **K** ³⁵ **K** ³⁶ **K** ³⁷ **K** ³⁸ **K** ³⁹ **K** ⁴⁰ **K** ⁴¹ **K** ⁴² **K** ⁴³ **K** ⁴⁴ **K** ⁴⁵ **K** ⁴⁶ **K** ⁴⁷ **K** ⁴⁸ **K** ⁴⁹ **K** ⁵⁰ **K** ⁵¹ **K** ⁵² **K** ⁵³ **K** ⁵⁴ **K** ⁵⁵ **K** ⁵⁶ **K** ⁵⁷ **K** ⁵⁸ **K** ⁵⁹ **K** ⁶⁰ **K** ⁶¹ **K** ⁶² **K** ⁶³ **K** ⁶⁴ **K** ⁶⁵ **K** ⁶⁶ **K** ⁶⁷ **K** ⁶⁸ **K** ⁶⁹ **K** ⁷⁰ **K** ⁷¹ **K** ⁷² **K** ⁷³ **K** ⁷⁴ **K** ⁷⁵ **K** ⁷⁶ **K** ⁷⁷ **K** ⁷⁸ **K** ⁷⁹ **K** ⁸⁰ **K** ⁸¹ **K** ⁸² **K** ⁸³ **K** ⁸⁴ **K** ⁸⁵ **K** ⁸⁶ **K** ⁸⁷ **K** ⁸⁸ **K** ⁸⁹ **K** ⁹⁰ **K** ⁹¹ **K** ⁹² **K** ⁹³ **K** ⁹⁴ **K** ⁹⁵ **K** ⁹⁶ **K** ⁹⁷ **K** ⁹⁸ **K** ⁹⁹ **K** ¹⁰⁰ **K** ¹⁰¹ **K** ¹⁰² **K** ¹⁰³ **K** ¹⁰⁴ **K** ¹⁰⁵ **K** ¹⁰⁶ **K** ¹⁰⁷ **K** ¹⁰⁸ **K** ¹⁰⁹ **K** ¹¹⁰ **K** ¹¹¹ **K** ¹¹² **K** ¹¹³ **K** ¹¹⁴ **K** ¹¹⁵ **K** ¹¹⁶ **K** ¹¹⁷ **K** ¹¹⁸ **K** ¹¹⁹ **K** ¹²⁰ **K** ¹²¹ **K** ¹²² **K** ¹²³ **K** ¹²⁴ **K** ¹²⁵ **K** ¹²⁶ **K** ¹²⁷ **K** ¹²⁸ **K** ¹²⁹ **K** ¹³⁰ **K** ¹³¹ **K** ¹³² **K** ¹³³ **K** ¹³⁴ **K** ¹³⁵ **K** ¹³⁶ **K** ¹³⁷ **K** ¹³⁸ **K** ¹³⁹ **K** ¹⁴⁰ **K** ¹⁴¹ **K** ¹⁴² **K** ¹⁴³ **K** ¹⁴⁴ **K** ¹⁴⁵ **K** ¹⁴⁶ **K** ¹⁴⁷ **K** ¹⁴⁸ **K** ¹⁴⁹ **K** ¹⁵⁰ **K** ¹⁵¹ **K** ¹⁵² **K** ¹⁵³ **K** ¹⁵⁴ **K** ¹⁵⁵ **K** ¹⁵⁶ **K** ¹⁵⁷ **K** ¹⁵⁸ **K** ¹⁵⁹ **K** ¹⁶⁰ **K** ¹⁶¹ **K** ¹⁶² **K** ¹⁶³ **K** ¹⁶⁴ **K** ¹⁶⁵ **K** ¹⁶⁶ **K** ¹⁶⁷ **K** ¹⁶⁸ **K** ¹⁶⁹ **K** ¹⁷⁰ **K** ¹⁷¹ **K** ¹⁷² **K** ¹⁷³ **K** ¹⁷⁴ **K** ¹⁷⁵ **K** ¹⁷⁶ **K** ¹⁷⁷ **K** ¹⁷⁸ **K** ¹⁷⁹ **K** ¹⁸⁰ **K** ¹⁸¹ **K** ¹⁸² **K** ¹⁸³ **K** ¹⁸⁴ **K** ¹⁸⁵ **K** ¹⁸⁶ **K** ¹⁸⁷ **K** ¹⁸⁸ **K** ¹⁸⁹ **K** ¹⁹⁰ **K** ¹⁹¹ **K** ¹⁹² **K** ¹⁹³ **K** ¹⁹⁴ **K** ¹⁹⁵ **K** ¹⁹⁶ **K** ¹⁹⁷ **K** ¹⁹⁸ **K** ¹⁹⁹ **K** ²⁰⁰ **K** ²⁰¹ **K** ²⁰² **K** ²⁰³ **K** ²⁰⁴ **K** ²⁰⁵ **K** ²⁰⁶ **K** ²⁰⁷ **K** ²⁰⁸ **K** ²⁰⁹ **K** ²¹⁰ **K** ²¹¹ **K** ²¹² **K** ²¹³ **K** ²¹⁴ **K** ²¹⁵ **K** ²¹⁶ **K** ²¹⁷ **K** ²¹⁸ **K** ²¹⁹ **K** ²²⁰ **K** ²²¹ **K** ²²² **K** ²²³ **K** ²²⁴ **K** ²²⁵ **K** ²²⁶ **K** ²²⁷ **K** ²²⁸ **K** ²²⁹ **K** ²³⁰ **K** ²³¹ **K** ²³² **K** ²³³ **K** ²³⁴ **K** ²³⁵ **K** ²³⁶ **K** ²³⁷ **K** ²³⁸ **K** ²³⁹ **K** ²⁴⁰ **K** ²⁴¹ **K** ²⁴² **K** ²⁴³ **K** ²⁴⁴ **K** ²⁴⁵ **K** ²⁴⁶ **K** ²⁴⁷ **K** ²⁴⁸ **K** ²⁴⁹ **K** ²⁵⁰ **K** ²⁵¹ **K** ²⁵² **K** ²⁵³ **K** ²⁵⁴ **K** ²⁵⁵ **K** ²⁵⁶ **K** ²⁵⁷ **K** ²⁵⁸ **K** ²⁵⁹ **K** ²⁶⁰ **K** ²⁶¹ **K** ²⁶² **K** ²⁶³ **K** ²⁶⁴ **K** ²⁶⁵ **K** ²⁶⁶ **K** ²⁶⁷ **K** ²⁶⁸ **K** ²⁶⁹ **K** ²⁷⁰ **K** ²⁷¹ **K** ²⁷² **K** ²⁷³ **K** ²⁷⁴ **K** ²⁷⁵ **K** ²⁷⁶ **K** ²⁷⁷ **K** ²⁷⁸ **K** ²⁷⁹ **K** ²⁸⁰ **K** ²⁸¹ **K** ²⁸² **K** ²⁸³ **K** ²⁸⁴ **K** ²⁸⁵ **K** ²⁸⁶ **K** ²⁸⁷ **K** ²⁸⁸ **K** ²⁸⁹ **K** ²⁹⁰ **K** ²⁹¹ **K** ²⁹² **K** ²⁹³ **K** ²⁹⁴ **K** ²⁹⁵ **K** ²⁹⁶ **K** ²⁹⁷ **K** ²⁹⁸ **K** ²⁹⁹ **K** ³⁰⁰ **K** ³⁰¹ **K** ³⁰² **K** ³⁰³ **K** ³⁰⁴ **K** ³⁰⁵ **K** ³⁰⁶ **K** ³⁰⁷ **K** ³⁰⁸ **K** ³⁰⁹ **K** ³¹⁰ **K** ³¹¹ **K** ³¹² **K** ³¹³ **K** ³¹⁴ **K** ³¹⁵ **K** ³¹⁶ **K** ³¹⁷ **K** ³¹⁸ **K** ³¹⁹ **K** ³²⁰ **K** ³²¹ **K** ³²² **K** ³²³ **K** ³²⁴ **K** ³²⁵ **K** ³²⁶ **K** ³²⁷ **K** ³²⁸ **K** ³²⁹ **K** ³³⁰ **K** ³³¹ **K** ³³² **K** ³³³ **K** ³³⁴ **K** ³³⁵ **K** ³³⁶ **K** ³³⁷ **K** ³³⁸ **K** ³³⁹ **K** ³⁴⁰ **K** ³⁴¹ **K** ³⁴² **K** ³⁴³ **K** ³⁴⁴ **K** ³⁴⁵ **K** ³⁴⁶ **K** ³⁴⁷ **K** ³⁴⁸ **K** ³⁴⁹ **K** ³⁵⁰ **K** ³⁵¹ **K** ³⁵² **K** ³⁵³ **K** ³⁵⁴ **K** ³⁵⁵ **K** ³⁵⁶ **K** ³⁵⁷ **K** ³⁵⁸ **K** ³⁵⁹ **K** ³⁶⁰ **K** ³⁶¹ **K** ³⁶² **K** ³⁶³ **K** ³⁶⁴ **K** ³⁶⁵ **K** ³⁶⁶ **K** ³⁶⁷ **K** ³⁶⁸ **K** ³⁶⁹ **K** ³⁷⁰ **K** ³⁷¹ **K** ³⁷² **K** ³⁷³ **K** ³⁷⁴ **K** ³⁷⁵ **K** ³⁷⁶ **K** ³⁷⁷ **K** ³⁷⁸ **K** ³⁷⁹ **K** ³⁸⁰ **K** ³⁸¹ **K** ³⁸² **K** ³⁸³ **K** ³⁸⁴ **K** ³⁸⁵ **K** ³⁸⁶ **K** ³⁸⁷ **K** ³⁸⁸ **K** ³⁸⁹ **K** ³⁹⁰ **K** ³⁹¹ **K** ³⁹² **K** ³⁹³ **K** ³⁹⁴ **K** ³⁹⁵ **K** ³⁹⁶ **K** ³⁹⁷ **K** ³⁹⁸ **K** ³⁹⁹ **K** ⁴⁰⁰ **K** ⁴⁰¹ **K** ⁴⁰² **K** ⁴⁰³ **K** ⁴⁰⁴ **K** ⁴⁰⁵ **K** ⁴⁰⁶ **K** ⁴⁰⁷ **K** ⁴⁰⁸ **K** ⁴⁰⁹ **K** ⁴¹⁰ **K** ⁴¹¹ **K** ⁴¹² **K** ⁴¹³ **K** ⁴¹⁴ **K** ⁴¹⁵ **K** ⁴¹⁶ **K** ⁴¹⁷ **K** ⁴¹⁸ **K** ⁴¹⁹ **K** ⁴²⁰ **K** ⁴²¹ **K** ⁴²² **K** ⁴²³ **K** ⁴²⁴ **K** ⁴²⁵ **K** ⁴²⁶ **K** ⁴²⁷ **K** ⁴²⁸ **K** ⁴²⁹ **K** ⁴³⁰ **K** ⁴³¹ **K** ⁴³² **K** ⁴³³ **K** ⁴³⁴ **K** ⁴³⁵ **K** ⁴³⁶ **K** ⁴³⁷ **K** ⁴³⁸ **K** ⁴³⁹ **K** ⁴⁴⁰ **K** ⁴⁴¹ **K** ⁴⁴² **K** ⁴⁴³ **K** ⁴⁴⁴ **K** ⁴⁴⁵ **K** ⁴⁴⁶ **K** ⁴⁴⁷ **K** ⁴⁴⁸ **K** ⁴⁴⁹ **K** ⁴⁵⁰ **K** ⁴⁵¹ **K** ⁴⁵² **K** ⁴⁵³ **K** ⁴⁵⁴ **K** ⁴⁵⁵ **K** ⁴⁵⁶ **K** ⁴⁵⁷ **K** ⁴⁵⁸ **K** ⁴⁵⁹ **K** ⁴⁶⁰ **K** ⁴⁶¹ **K** ⁴⁶² **K** ⁴⁶³ **K** ⁴⁶⁴ **K** ⁴⁶⁵ **K** ⁴⁶⁶ **K** ⁴⁶⁷ **K** ⁴⁶⁸ **K** ⁴⁶⁹ **K** ⁴⁷⁰ **K** ⁴⁷¹ **K** ⁴⁷² **K** ⁴⁷³ **K** ⁴⁷⁴ **K** ⁴⁷⁵ **K** ⁴⁷⁶ **K** ⁴⁷⁷ **K** ⁴⁷⁸ **K** ⁴⁷⁹ **K** ⁴⁸⁰ **K** ⁴⁸¹ **K** ⁴⁸² **K** ⁴⁸³ **K** ⁴⁸⁴ **K** ⁴⁸⁵ **K** ⁴⁸⁶ **K** ⁴⁸⁷ **K** ⁴⁸⁸ **K** ⁴⁸⁹ **K** ⁴⁹⁰ **K** ⁴⁹¹ **K** ⁴⁹² **K** ⁴⁹³ **K** ⁴⁹⁴ **K** ⁴⁹⁵ **K** ⁴⁹⁶ **K** ⁴⁹⁷ **K** ⁴⁹⁸ **K** ⁴⁹⁹ **K** ⁵⁰⁰ **K** ⁵⁰¹ **K** ⁵⁰² **K** ⁵⁰³ **K** ⁵⁰⁴ **K** ⁵⁰⁵ **K** ⁵⁰⁶ **K** ⁵⁰⁷ **K** ⁵⁰⁸ **K** ⁵⁰⁹ **K** ⁵¹⁰ **K** ⁵¹¹ **K** ⁵¹² **K** ⁵¹³ **K** ⁵¹⁴ **K** ⁵¹⁵ **K** ⁵¹⁶ **K** ⁵¹⁷ **K** ⁵¹⁸ **K** ⁵¹⁹ **K** ⁵²⁰ **K** ⁵²¹ **K** ⁵²² **K** ⁵²³ **K** ⁵²⁴ **K** ⁵²⁵ **K** ⁵²⁶ **K** ⁵²⁷ **K** ⁵²⁸ **K** ⁵²⁹ **K** ⁵³⁰ **K** ⁵³¹ **K** ⁵³² **K** ⁵³³ **K** ⁵³⁴ **K** ⁵³⁵ **K** ⁵³⁶ **K** ⁵³⁷ **K** ⁵³⁸ **K** ⁵³⁹ **K** ⁵⁴⁰ **K** ⁵⁴¹ **K** ⁵⁴² **K** ⁵⁴³ **K** ⁵⁴⁴ **K** ⁵⁴⁵ **K** ⁵⁴⁶ **K** ⁵⁴⁷ **K** ⁵⁴⁸ **K** ⁵⁴⁹ **K** ⁵⁵⁰ **K** ⁵⁵¹ **K** ⁵⁵² **K** ⁵⁵³ **K** ⁵⁵⁴ **K** ⁵⁵⁵ **K** ⁵⁵⁶ **K** ⁵⁵⁷ **K** ⁵⁵⁸ **K** ⁵⁵⁹ **K** ⁵⁶⁰ **K** ⁵⁶¹ **K** ⁵⁶² **K** ⁵⁶³ **K** ⁵⁶⁴ **K** ⁵⁶⁵ **K** ⁵⁶⁶ **K** ⁵⁶⁷ **K** ⁵⁶⁸ **K** ⁵⁶⁹ **K** ⁵⁷⁰ **K** ⁵⁷¹ **K** ⁵⁷² **K** ⁵⁷³ **K** ⁵⁷⁴ **K** ⁵⁷⁵ **K** ⁵⁷⁶ **K** ⁵⁷⁷ **K** ⁵⁷⁸ **K** ⁵⁷⁹ **K** ⁵⁸⁰ **K** ⁵⁸¹ **K** ⁵⁸² **K** ⁵⁸³ **K** ⁵⁸⁴ **K** ⁵⁸⁵ **K** ⁵⁸⁶ **K** ⁵⁸⁷ **K** ⁵⁸⁸ **K** ⁵⁸⁹ **K** ⁵⁹⁰ **K** ⁵⁹¹ **K** ⁵⁹² **K** ⁵⁹³ **K** ⁵⁹⁴ **K** ⁵⁹⁵ **K** ⁵⁹⁶ **K** ⁵⁹⁷ **K** ⁵⁹⁸ **K** ⁵⁹⁹ **K** ⁶⁰⁰ **K** ⁶⁰¹ **K** ⁶⁰² **K** ⁶⁰³ **K** ⁶⁰⁴ **K** ⁶⁰⁵ **K** ⁶⁰⁶ **K** ⁶⁰⁷ **K** ⁶⁰⁸ **K** ⁶⁰⁹ **K** ⁶¹⁰ **K** ⁶¹¹ **K** ⁶¹² **K** ⁶¹³ **K** ⁶¹⁴ **K** ⁶¹⁵ **K** ⁶¹⁶ **K** ⁶¹⁷ **K** ⁶¹⁸ **K** ⁶¹⁹ **K** ⁶²⁰ **K** ⁶²¹ **K** ⁶²² **K** ⁶²³ **K** ⁶²⁴ **K** ⁶²⁵ **K** ⁶²⁶ **K** ⁶²⁷ **K** ⁶²⁸ **K** ⁶²⁹ **K** ⁶³⁰ **K** ⁶³¹ **K** ⁶³² **K** ⁶³³ **K** ⁶³⁴ **K** ⁶³⁵ **K** ⁶³⁶ **K** ⁶³⁷ **K** ⁶³⁸ **K** ⁶³⁹ **K** ⁶⁴⁰ **K** ⁶⁴¹ **K** ⁶⁴² **K** ⁶⁴³ **K** ⁶⁴⁴ **K** ⁶⁴⁵ **K** ⁶⁴⁶ **K** ⁶⁴⁷ **K** ⁶⁴⁸ **K** ⁶⁴⁹ **K** ⁶⁵⁰ **K** ⁶⁵¹ **K** ⁶⁵² **K** ⁶⁵³ **K** ⁶⁵⁴ **K** ⁶⁵⁵ **K** ⁶⁵⁶ **K** ⁶⁵⁷ **K** ⁶⁵⁸ **K** ⁶⁵⁹ **K** ⁶⁶⁰ **K** ⁶⁶¹ **K** ⁶⁶² **K** ⁶⁶³ **K** ⁶⁶⁴ **K** ⁶⁶⁵ **K** ⁶⁶⁶ **K** ⁶⁶⁷ **K** ⁶⁶⁸ **K** ⁶⁶⁹ **K** ⁶⁷⁰ **K** ⁶⁷¹ **K** ⁶⁷² **K** ⁶⁷³ **K** ⁶⁷⁴ **K** ⁶⁷⁵ **K** ⁶⁷⁶ **K** ⁶⁷⁷ **K** ⁶⁷⁸ **K** ⁶⁷⁹ **K** ⁶⁸⁰ **K** ⁶⁸¹ **K** ⁶⁸² **K** ⁶⁸³ **K** ⁶⁸⁴ **K** ⁶⁸⁵ **K** ⁶⁸⁶ **K** ⁶⁸⁷ **K** ⁶⁸⁸ **K** ⁶⁸⁹ **K** ⁶⁹⁰ **K** ⁶⁹¹ **K** ⁶⁹² **K** ⁶⁹³ **K** ⁶⁹⁴ **K** ⁶⁹⁵ **K** ⁶⁹⁶ **K** ⁶⁹⁷ **K** ⁶⁹⁸ **K** ⁶⁹⁹ **K** ⁷⁰⁰ **K** ⁷⁰¹ **K** ⁷⁰² **K** ⁷⁰³ **K** ⁷⁰⁴ **K** ⁷⁰⁵ **K** ⁷⁰⁶ **K** ⁷⁰⁷ **K** ⁷⁰⁸ **K** ⁷⁰⁹ **K** ⁷¹⁰ **K** ⁷¹¹ **K** ⁷¹² **K** ⁷¹³ **K** ⁷¹⁴ **K** ⁷¹⁵ **K** ⁷¹⁶ **K** ⁷¹⁷ **K** ⁷¹⁸ **K** ⁷¹⁹ **K** ⁷²⁰ **K** ⁷²¹ **K** ⁷²² **K** ⁷²³ **K** ⁷²⁴ **K** ⁷²⁵ **K** ⁷²⁶ **K** ⁷²⁷ **K** ⁷²⁸ **K** ⁷²⁹ **K** ⁷³⁰ **K** ⁷³¹ **K** ⁷³² **K** ⁷³³ **K** ⁷³⁴ **K** ⁷³⁵ **K** ⁷³⁶ **K** ⁷³⁷ **K** ⁷³⁸ **K** ⁷³⁹ **K** ⁷⁴⁰ **K** ⁷⁴¹ **K** ⁷⁴² **K** ⁷⁴³ **K** ⁷⁴⁴ **K** ⁷⁴⁵ **K** ⁷⁴⁶ **K** ⁷⁴⁷ **K** ⁷⁴⁸ **K** ⁷⁴⁹ **K** ⁷⁵⁰ **K** ⁷⁵¹ **K** ⁷⁵² **K** ⁷⁵³ **K** ⁷⁵⁴ **K** ⁷⁵⁵ **K** ⁷⁵⁶ **K** ⁷⁵⁷ **K** ⁷⁵⁸ **K** ⁷⁵⁹ **K** ⁷⁶⁰ **K** ⁷⁶¹ **K** ⁷⁶² **K** ⁷⁶³ **K** ⁷⁶⁴ **K** ⁷⁶⁵ **K** ⁷⁶⁶ **K** ⁷⁶⁷ **K** ⁷⁶⁸ **K** ⁷⁶⁹ **K** ⁷⁷⁰ **K** ⁷⁷¹ **K** ⁷⁷² **K** ⁷⁷³ **K** ⁷⁷⁴ **K** ⁷⁷⁵ **K** ⁷⁷⁶ **K** ⁷⁷⁷ **K** ⁷⁷⁸ **K** ⁷⁷⁹ **K** ⁷⁸⁰ **K** ⁷⁸¹ **K** ⁷⁸² **K** ⁷⁸³ **K** ⁷⁸⁴ **K** ⁷⁸⁵ **K** ⁷⁸⁶ **K** ⁷⁸⁷ **K** ⁷⁸⁸ **K** ⁷⁸⁹ **K** ⁷⁹⁰ **K** ⁷⁹¹ **K** ⁷⁹² **K** ⁷⁹³ **K** ⁷⁹⁴ **K** ⁷⁹⁵ **K** ⁷⁹⁶ **K** ⁷⁹⁷ **K** ⁷⁹⁸ **K** ⁷⁹⁹ **K** ⁸⁰⁰ **K** ⁸⁰¹ **K** ⁸⁰² **K** ⁸⁰³ **K** ⁸⁰⁴ **K** ⁸⁰⁵ **K** ⁸⁰⁶ **K** ⁸⁰⁷ **K** ⁸⁰⁸ **K** ⁸⁰⁹ **K** ⁸¹⁰ **K** ⁸¹¹ **K** ⁸¹² **K** ⁸¹³ **K** ⁸¹⁴ **K** ⁸¹⁵ **K** ⁸¹⁶ **K** ⁸¹⁷ **K** ⁸¹⁸ **K** ⁸¹⁹ **K** ⁸²⁰ **K** ⁸²¹ **K** ⁸²² **K** ⁸²³ **K** ⁸²⁴ **K** ⁸²⁵ **K** ⁸²⁶ **K**

Fräulein



Felice Bauer 3817
per Mr. Carl Lindström A.-G.

Berlin O-17

Mrs. H. F. Kaffer
Prag, Pöschel



Liebster Vater. ^{Sollten} 1
Du hast mich letztesmal einmal
gefragt warum ich behaupte, ich hätte
Furcht vor Dir. Ich wusste Dir, wie gewöhnlich
nicht zu antworten, zum Teil eben aus der
Furcht die ich vor Dir habe, zum Teil des-
halb weil ein Begründung dieser Furcht
zu viele Einzelheiten gehören, als das
ich sie im Reden halbwegs zusammen-
halten könnte. Und wenn ich hier ver-
suche Dir schriftlich zu antworten, so
wird es doch nur sehr unzulänglich
sein, weil auch im Schreiben die Furcht
und ihre Folgen noch Dir gegenüber
behindern und ich ~~schon~~ ^{den} ~~den~~ ^{den} ~~den~~
Goffs aller mein Gedächtnis und meinen
Verstand weit hinausgeht.
Du hast sich die Sache immer
sehr einfach dargestellt, weniger so wie
Du vor mir stand, ohne irgendwas vor
wilen andern davon gesprochen hast. Es
scheint Dir etwa so zu sein: Du hast

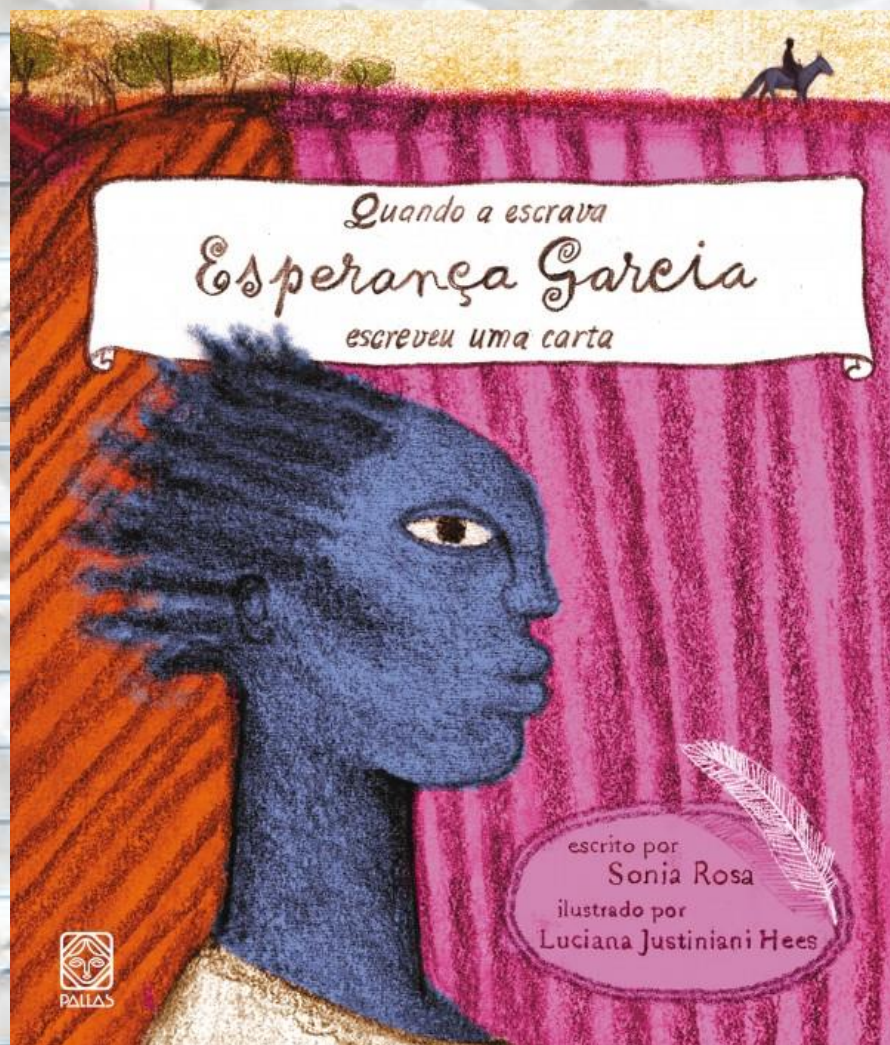
A Metamorphose



Franz
Kafka



Handwritten text in red ink on a page with a black scribbled area. The text reads: **K** **meu** **af** **ka** **a**



Heroínas Negras do Brasil
**ESPERANÇA
GARCIA**

Autora: Jarid Arraes



Carta Esperança Garcia

Eu Souhua escrava de V.S. da administração do Cap^a m Ant^o Vieira de Couto, cazada. Desde que o Cap^a m p^a Lá foi adeministrar, q. me tirou da fazd^a dos algodois, aonde vevia com meu marido, para ser cozinheira da sua caza, onde nella passomt^o mal. A Primeira hé q. ha grandes trovadas de pancadas enhum Filho meu sendo huã criança q. lhe fezestair sangue pella boca, em mim não poço esplicar q Sou hucolcham de pancadas, tanto qcahyhuã vez do Sobrado abachopeiada; por mezericordia de DsesCapei. A segunda estou eu e mais minhas parceiras por confeçar a tresannos. E

huã criança minha e duas mais por Batizar. Pelloq Peço a V.S. pello amor de Ds. e do Seu Valim T^o ponha aos olhos em mim ordinando digo mandar a Porcurador que mande p. a Fazd^a aonde elle me tirou p^a eu viver com meu marido e Batizar minha Filha de V.Sa. sua escrava EsPeranCa Garcia.



"Une belle histoire, remarquablement contée,
un miracle brésilien."

Le Nouvel Observateur



Walter Salles

Martin et Denise de Clement Sorens
José Lages

Central do Brasil

un film de Walter Salles

Récompensé à de multiples reprises dans
les festivals internationaux (*Gros Cuir du
Meilleur Film au festival de Berlin 1998*),
cet hymne à la liberté et à la découverte
de soi nous entraîne à la rencontre
d'un Brésil fascinant et d'une
histoire d'adolescence, universelle
et émouvante.

Après la disparition de sa mère,
Josué, adorable enfant brésilien
de 10 ans, se retrouve sans famille avec
pour seul contact Dora, une institutrice
à la retraite qui le prend sous son aile.
Ensemble, ils vont traverser le pays à la recherche du père de Josué.
C'est le début du plus passionnant des voyages : celui qui mène à la découverte
de son propre cœur...

"Un film profondément
humain et émouvant,
à voir absolument."

Le Parisien ★★★★★

"Un film
bouleversant."

Femme Actuelle

ABSOLUTCOVER.COM

LANGUES DISPONIBLES

	FRANÇAIS	PORTUGAIS
DOLBY DIGITAL	2.0	2.0
NORME AUDIO	SURROUND	SURROUND
FORMAT CINÉMA RESPECTÉ	2.35	2.35
16/9 COMPATIBLE 4/3	OUI	OUI

Durée : 116m - Couleur

© 1998 WALT DISNEY HOME ENTERTAINMENT

Walt Disney Home Entertainment

Walt Disney Home Entertainment

Walt Disney Home Entertainment

Walt Disney Home Entertainment

Walt Disney Home Entertainment

Walt Disney Home Entertainment

Walt Disney Home Entertainment

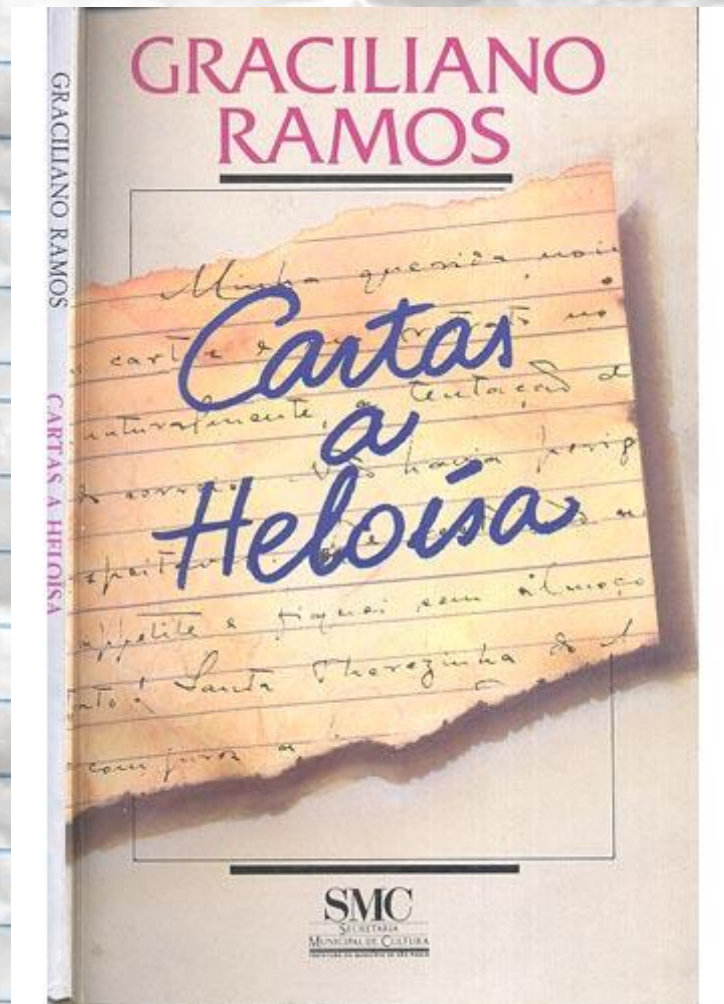
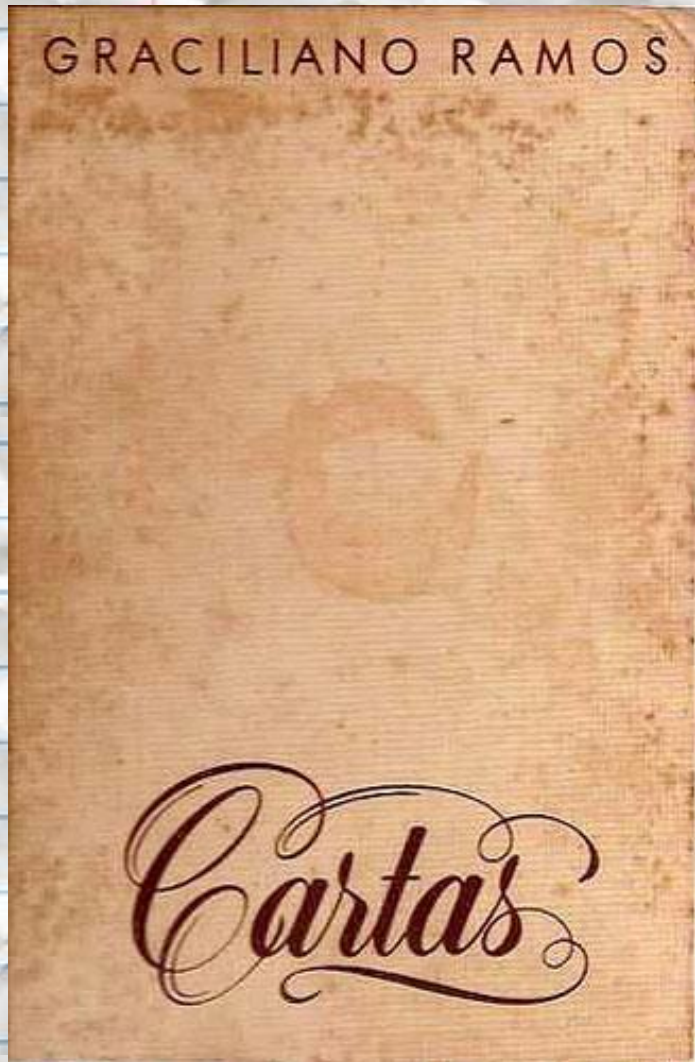
Walt Disney Home Entertainment

Walt Disney Home Entertainment

Walt Disney Home Entertainment

Walt Disney Home Entertainment

Walt Disney Home Entertainment



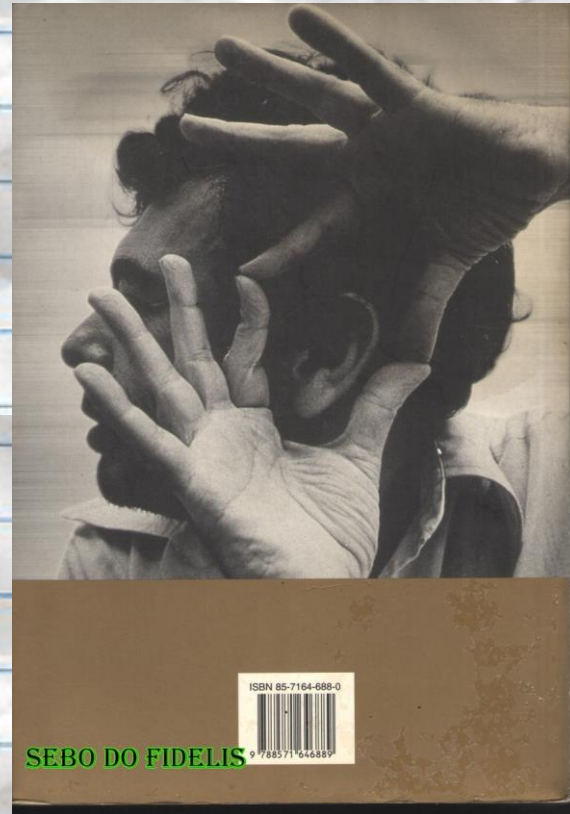
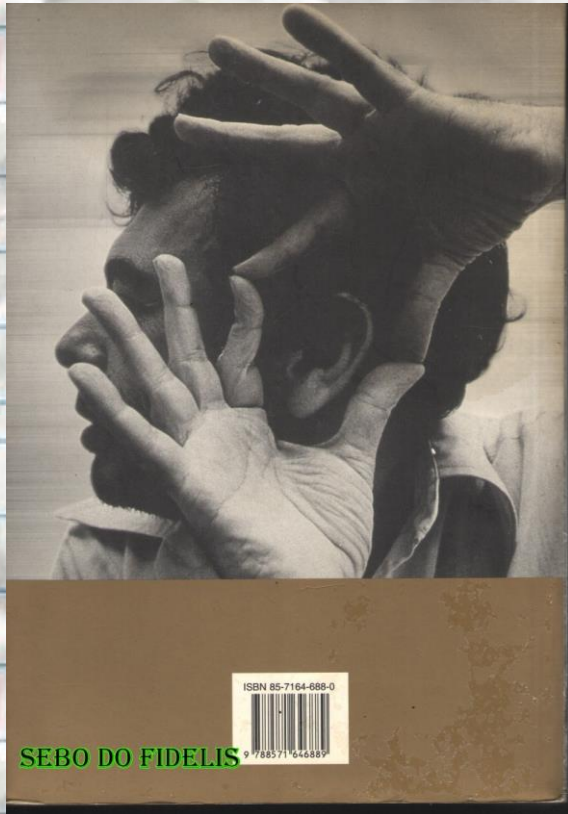
A última pergunta que o jornalista Homero Senna fez a Graciliano Ramos, quando o entrevistou em 1948 para a *Revista do Globo* foi:

- Acredita na perenidade da sua obra?

Garante o entrevistador

que, sem qualquer pose, antes "dando a impressão de que falava com absoluta sinceridade", Graciliano respondeu com seu proverbial azedume:

- Não vale nada. A rigor, até, já desapareceu



querido

1. Recibi la copia en Brasil.

2. Vi "Cabesas" aqui en New York

... sus ...

Reunión y Compañía S.A.

Barcelona, 7 de agosto, 1970.

ROCHA.

Si querido Eduardo ante todo quiero expresarte mi gran alegría por tener noticias tuyas y desde el Brasil. Espero que te encuentres muy bien y que todos los problemas se te vayan resolviendo. Espero que tu mujer, tu hijo y los amigos se encuentren en perfectas condiciones. He recibido tu carta del 27 y ya ahora te la comento.

1. No creo que estoy jodido por el festival de San Sebastián. Todo lo contrario. Nunca pensé que "Cabesas" iba a tener un gran suceso en el festival. Sabes que Pedro quería que fuéramos a San Sebastián y Berlín y yo, en cambio, quería lo contrario. Si hemos ido a U.S. el gobierno nos lo ha impuesto y porque de esta forma nos da un 10% más de ayuda estatal. De todas formas la película vencedora "mente" en U.S. fue la tuya. Toda la juventud, la crítica independiente, estuvieron al lado de tu film. La crítica fascista y reaccionaria estuvo contra el film.

Estoy muy contento de haber producido tu film. Estoy orgulloso. Es tu mejor film y uno de los más significativos de todo el mundo que yo personalmente hice una buena labor del mundo". De todas formas te comento lo que me gusta y lo que me da pena y a favor de...

2. Recomiendo...

Fault



olho D'água

Uma noite, há anos, acordei bruscamente e uma estranha pergunta explodiu de minha boca. De que cor eram os olhos de minha mãe? Atordoada custei reconhecer o

quarto da nova casa em que estava morando e não conseguia me lembrar como havia chegado até ali. E a insistente pergunta, martelando, martelando... De que cor eram os olhos de minha mãe? Aquela indagação havia surgido há dias, há meses, posso dizer. Entre um afazer e outro, eu me pegava pensando de que cor seriam os olhos de minha mãe. E o que a princípio tinha sido um mero pensamento interrogativo, naquela noite se transformou em uma dolorosa pergunta carregada de um tom acusatório. Então, eu não

sabia de que cor eram os olhos de minha mãe?

Sendo a primeira de sete filhas, desde cedo, busquei dar conta de minhas próprias dificuldades, cresci rápido, passando por uma breve adolescência. Sempre ao lado de minha mãe aprendi conhecê-la. Decifrava o seu silêncio nas horas de dificuldades, como também sabia reconhecer em seus gestos, prenúncios de possíveis alegrias. Naquele momento, entretanto, me descobria cheia de culpa, por não

recordar de que cor seriam os seus olhos. Eu achava tudo muito estranho, pois me lembrava nitidamente de vários detalhes do corpo dela. Da unha encravada do dedo mindinho do pé esquerdo... Da verruga que se perdia no meio da cabeleira crespa e bela... Um dia, brincando de pentear boneca, alegria que a mãe nos dava quando, deixando por uns momentos o lava-lava, o passa-passa das roupagens alheias, se tornava uma grande boneca negra para as filhas, descobrimos uma bolinha escondida

bem no couro cabeludo ela. Pensamos que fosse carrapato. A mãe cochilava e uma de minhas irmãs aflita, querendo livrar a boneca-mãe daquele padecer, puxou rápido o bichinho. A mãe e nós rimos e rimos e rimos de nosso engano. A mãe riu tanto das lágrimas escorrerem. Mas, de que cor eram os olhos dela?

Eu me lembrava também de algumas histórias da infância de minha mãe. Ela havia nascido em um lugar perdido no interior de Minas. Ali, as crianças andavam nuas até bem

grandinhas. As meninas, assim que os seios começavam a brotar, ganhavam roupas antes dos meninos. Às vezes, as histórias da infância de minha mãe confundiam-se com as de minha própria infância. Lembro-me de que muitas vezes, quando a mãe cozinhava, da panela subia cheiro algum. Era como se cozinhasse ali, apenas o nosso desesperado desejo de alimento. As labaredas, sob a água solitária que fervia na panela cheia de fome, pareciam debochar do vazio do nosso estômago, ignorando nossas bocas infantis em que as

línguas brincavam a salivar sonho de comida. E era justamente nos dias de parco ou nenhum alimento que ela mais brincava com as filhas. Nessas ocasiões a brincadeira preferida era aquela em que a mãe era a Senhora, a Rainha. Ela se assentava em seu trono, um pequeno banquinho de madeira. Felizes colhíamos flores cultivadas em um pequeno pedaço de terra que circundava o nosso barraco. Aquelas flores eram depois solenemente distribuídas por seus cabelos, braços e colo. E diante dela fazíamos reverências à Senhora.

Postávamos deitadas no chão e batíamos cabeça para a Rainha. Nós, princesas, em volta dela, cantávamos, dançávamos, sorriamos. A mãe só ria, de uma maneira triste e com um sorriso molhado... Mas de que cor eram os olhos de minha mãe? Eu sabia, desde aquela época, que a mãe inventava esse e outros jogos para distrair a nossa fome. E a nossa fome se distraía.

Às vezes, no final da tarde, antes que a noite tomasse conta do tempo, ela se assentava na soleira da porta e

juntas ficávamos contemplando as artes das nuvens no céu. Umas viravam carneirinhos; outras, cachorrinhos; algumas, gigantes adormecidos, e havia aquelas que eram só nuvens, algodão doce. A mãe, então, espichava o braço que ia até o céu, colhia aquela nuvem, repartia em pedacinhos e enfiava rápido na boca de cada uma de nós. Tudo tinha de ser muito rápido, antes que a nuvem derretesse e com ela os nossos sonhos se esvaecessem também. Mas, de que cor eram os olhos de minha mãe?

Lembro-me ainda do temor de minha mãe nos dias de fortes chuvas. Em cima da cama, agarrada a nós, ela nos protegia com seu abraço. E com os olhos alagados de pranto balbuciava rezas a Santa Bárbara, temendo que o nosso frágil barraco desabasse sobre nós. E eu não sei se o lamento-pranto de minha mãe, se o barulho da chuva... Sei que tudo me causava a sensação de que a nossa casa balançava ao vento. Nesses momentos os olhos de minha mãe se confundiam com os olhos da natureza. Chovia, chorava! Chorava,

chovia! Então, porque eu não conseguia lembrar a cor dos olhos dela?

E naquela noite a pergunta continuava me atormentando. Havia anos que eu estava fora de minha cidade natal. Saíra de minha casa em busca de melhor condição de vida para mim e para minha família: ela e minhas irmãs que tinham ficado para trás. Mas eu nunca esquecera a minha mãe. Reconhecia a importância dela na minha vida, não só dela, mas de minhas tias e todas as mulheres de

minha família. E também, já naquela época, eu entoava cantos de louvor a todas nossas ancestrais, que desde a África vinham arando a terra da vida com as suas próprias mãos, palavras e sangue. Não, eu não esqueço essas Senhoras, nossas Yabás, donas de tantas sabedorias. Mas de que cor eram os olhos de minha mãe?

E foi então que, tomada pelo desespero por não me lembrar de que cor seriam os olhos de minha mãe, naquele momento, resolvi deixar tudo e, no outro dia, voltar à cidade

em que nasci. Eu precisava buscar o rosto de minha mãe, fixar o meu olhar no dela, para nunca mais esquecer a cor de seus olhos.

E assim fiz. Voltei, aflita, mas satisfeita. Vivia a sensação de estar cumprindo um ritual, em que a oferenda aos Orixás deveria ser descoberta da cor dos olhos de minha mãe.

E quando, após longos dias de viagem para chegar à minha terra, pude contemplar extasiada os olhos

de minha mãe, sabem o que vi? Sabem o que vi?

Vi só lágrimas e lágrimas. Entretanto, ela sorria feliz. Mas, eram tantas lágrimas, que eu me perguntei se minha mãe tinha olhos ou rios caudalosos sobre a face? E só então compreendi. Minha mãe trazia, serenamente em si, águas correntezas. Por isso, prantos e prantos a enfeitar o seu rosto. A cor dos olhos de minha mãe era cor de olhos d'água. Águas de Mamãe Oxum! Rios calmos, mas profundos

e enganosos para quem contempla a vida apenas pela superfície. Sim, águas de Mamãe Oxum.

Abracei a mãe, encostei meu rosto no dela e pedi proteção. Senti as lágrimas delas se misturarem às minhas.

Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma são o espelho dos olhos da outra. E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela

tocou suavemente o meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho como se fosse uma pergunta para ela mesma, ou como estivesse buscando e encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei, quando, sussurrando minha filha falou:

Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?



Facas filadeiras

Estou sobre pontas de facas
A orgia dum tempo
apaga
meus espaços

Nas pegadas de minhas
lembranças
pontas movediças
trituram
meus ossos

No lastimar das ações
mãos retesadas
charqueiam
minha língua de fogo.

Na parada da brisa
firo-me em cacos de vidro
querendo arrancar de mim
velhas amarras

Miriam Alves

PENSAMENTO DE UM CABELO BOM

Por Elisa Lucinda

Quando foi a última vez ou a primeira que você viu um filme africano? Não é segredo pra ninguém que o cinema é aula de cultura com imagens, cenas, linguagens e costumes daquele ou desse lugar. Somos tão ignorantes de Áfricas. Quando eu e meu filho, Juliano

Gomes, hoje cineasta, mas então, com dezesseis anos, fomos a Moçambique, ele me disse, ao meio do segundo dia naquele país. Mãe, tô com uma vergonha dos moçambicanos, eles sabem tudo de nós e eu não sei nada deles.” Tinha razão o adolescente. Fomos então os dois buscar livros imediatamente. O mesmo se deu comigo ao desembarcar em terras caboverdianas. Nunca tinha visto tanta gente com cara de parente, com jeito de gente de minha família capixaba. Lá mulato de olho verde é mato. Cabo Verde, hoje eu sei, se considera um pedacinho do Brasil. Isto está em suas

canções e nas conversas do povo, que se assume, talvez por causa da mestiçagem, como nosso irmão. Mas a ignorância brasileira sobre a história das “áfricas” ainda campeia, pois só agora a lei que garante ensino de vida e costumes daquele continente em nossa formação na escola começa a engatinhar. Me preocupa e me entristece que ainda se possa testemunhar, passivamente, a estúpida ignorância que o racismo é, a fazer seu incalculável estrago. Quem me conhece sabe: não sou de gueto, não me apetece. Tudo o que faço aqui,

nestas poucas linhas para tão vasto tema, propõe a mistura contra o separatismo e não o contrário. Creiam-me, nas escolas, enquanto vos escrevo, o modelo de um só tipo de beleza continua a excluir meninos e meninas negras ou mestiças que, por motivos étnicos, em geral, não são escalados nos papéis de príncipes ou de princesas. Ou seja, já na escola o menino negro é o eterno “sapo”, o vilão, o bandido. A toda hora nesse país um adolescente afro-descendente é tratado, ao contrário do que nos garante a constituição, como presumidamente suspeito. É revistado

com grosseria e desrespeito como se morasse na etnia o gene do ladrão. Trata-se de um pensamento que, além de injusto é imperfeito, pois se observarmos bem, nos grandes escândalos de corrupção envolvendo políticos e sofisticados ladrões, quase não tem preto compondo essas quadrilhas. Uma vez, passeando na Lagoa, num domingo de manhã, a polícia abordou meu filho que ia na frente de bicicleta. A alegação da “autoridade”, quando eu perguntei o porquê, foi ridícula: “O cabelo dele é suspeito.”

O inconsciente brasileiro, muitas vezes sem se dar conta, nos reserva um lugar de segunda categoria. Mesmo os mais esclarecidos, que tanta falta fazem a esta causa, se atropelam no assunto. Sem se aperceberem, também esses, vão solidificando conceitos preconceituosos como o de “cabelo ruim, cabelo bom”, por exemplo. Ora, o cabelo crespo não é um sub-cabelo, não está errado nem órfão de qualidades. Ruim por que? Feriu alguém? Por acaso o crespo é o primata da estória capilar que um dia alcançará o posto de cabelo sapiens que seria o cabelo liso? Meu cabelo é

bom. Desculpe-me, forçar a vossa mentalidade assim, mas é que é o mês da consciência negra e eu fui incumbida de tocar na “raiz” do problema. Precisamos impedir que se prossiga com essa lavoura de problemas, onde todo o dia se planta aos pouquinhos a semente da desigualdade. Teve festa do troféu Raça Negra na sala São Paulo homenageando Milton Nascimento, e eu ganhei o prêmio de melhor espetáculo. Era uma nata, uma afro-nata, digo: Luiz Melodia, Milton Gonçalves, Sandra de Sá, Antonio Pitanga e tantos outros, que dava

gosto de ver! Meu sonho é que todo cidadão, de qualquer tom, seja respeitado sem ter que ser famoso para isso. Todos os dias o preconceito desperdiça futuros cidadãos brasileiros. Portanto, qual tem sido a vossa pegada sociológica? Ou seja, assim como na ecologia, que tipo de rastro social nossos atos deixam? Desmatar é tão predador quanto excluir, e nesta peça qual tem sido vosso papel? Não sou eu, é a justiça quem nos pergunta. Bem, o assunto continua depois; sei que as guerras étnicas são um problema do mundo. Mas é bobo, embora tanto sangue. Pois

como água, a verdade escorre entre os
dedos. Ninguém segura. Do mesmo
modo a terra é de todos os homens, e
não há como deter essa verdade.

ELISA LUCINDA



CARTA PARA UM CABELO

CRESPO

Olá, querido cabelo, tudo bem?

Resolvi escrevê-lo após recordar-me de um episódio um tanto constrangedor, para mim e para você. Lembra de uma vez que estávamos no salão e enquanto nossa cabeleireira atendia outra cliente, resolvi fazer as unhas? Isso faz tempo, acho que uns 6 anos ou até mais. A manicure, que adorava bater um papo e tinha muitas opiniões sobre diversos assuntos que variavam entre política, novela, futebol e celebridades decidiu dar o seu pitaco sobre a minha presença no centro de beleza e, claro, ela não fez a menor questão de te poupar. E em mais um “minuto de sabedoria” daquela senhora, saiu a seguinte declaração: “Ainda bem que você está aqui para dar jeito no seu

cabelo. Ele não é adequado para você. Você é muito bonita e ele não te valoriza”!

Te defender? Brigar? Dar uma lição de moral? A minha reação inicial foi de tamanha perplexidade, que eu não consegui pensar em nada disso, somente me limitei em dizer que adequado ou não, aquele era o meu cabelo e que não, eu não estava ali para me submeter a alguma química alisamento.

A sorte, é que tamanha insensibilidade da moça atingiu alguém que talvez tivesse um pouco mais de consciência do poder, imponência e respeito que você, crespo que é, tem e merece. Quantas vezes eu não ouvi relatos de meninas e mulheres que não conseguem se libertar de forma alguma dos alisantes, apliques e até mesmo das tranças?! Eu mesma fui uma que durante muitos anos encarei o rastafári como um “estado natural” seu e só depois dos 18

anos de idade é que consigo passear com uma certa tranquilidade por vários estilos, que incluem o black power, o nagô, o midi, o grande, o beeeem grande, o side hair... Vejo que hoje em dia a transição do cabelo com química para o crespo, tornou-se uma prática bastante comum e divulgada nas redes sociais. Não é algo fácil, pois até mais do que mulheres que cultivaram sua “crespisce” desde que nasceram, esse “ritual” de passagem em uma idade em que você já tem uma personalidade definida, já construiu uma imagem, mexe bastante com o nosso ego, nossos medos e inseguranças. Isso é realmente um ato de coragem, de bastante admiração e digo até mais, um ato de amor para/com você. Sinceramente, queria enviar uma flor e um “muito obrigada” para cada uma dessas guerreiras



Ilustração: [Dê Lírios](#)

Bem aventurados foram os pais da pequena Blue Ivy Carter que simplesmente balançaram os ombros para um abaixo-assinado no qual era pedido para que eles penteassem as madeixas de sua pequena de apenas dois anos, sob

alegação de que a filha do casal-astro Jay-Z e Beyoncé andava por aí com dreads e tochas de cabelos embaraçados. Mal devem saber essas pessoas o quanto essa questão dói, fisicamente e moralmente, para as meninas, que desde tão novas são condicionadas a vê-lo como feio, fora do padrão, “inapropriado”, “ruim”, entre outros termos mais ou menos grosseiros, e que de alguma forma encaram o fato de você ser crespo uma ofensa e te rebatizam com nomes como “étnicos” ou “toin-oin-oin”. Sem contar os inúmeros procedimentos que muitas vezes passamos para deixá-los com um aspecto mais “sociável”.

Ah, outra coisa que incomoda profundamente é a condição de algumas pessoas para você crescer e aparecer. “Ah, mas o seu cabelo ainda faz uns cachinhos”, “Mas vc viu o cabelo da fulana? Faz uns cachos maravilhosos! Aí sim fica bonito!”, “Passa pelo menos um relaxante

para soltar essa raiz dura”. Muitas pessoas só gostam de você de fato se for minimamente aceitável, pois você é impactante e, pasme, te consideram agressivo.

Não passa na cabeça delas que assim como os lisos, existem vários tipos de crespo e não necessariamente é aquele cabelo enrolado que todos querem imitar, mas caso não seja, ainda sim temos total condição de deixá-los macios, exuberantes e lindos, sem precisar escondê-los ou recorrer a métodos extremamente agressivos, que modificam totalmente a sua estrutura como os permanentes. Nem eu, nem você precisamos passar por isso, apenas aceitem.

Bom, hoje fico por aqui. É claro que eu sei que tudo que tem um pouco mais de personalidade, tem às vezes seus dias temperamentais, difíceis e que é necessário um pouco mais de paciência.

Mas quero deixar bem claro que não tenho absolutamente nada contra você. Pelo contrário! Te valorizo, te respeito, tenho orgulho e gosto de você assim, bem do jeito que você é. **VOCÊ PODE TUDO!**

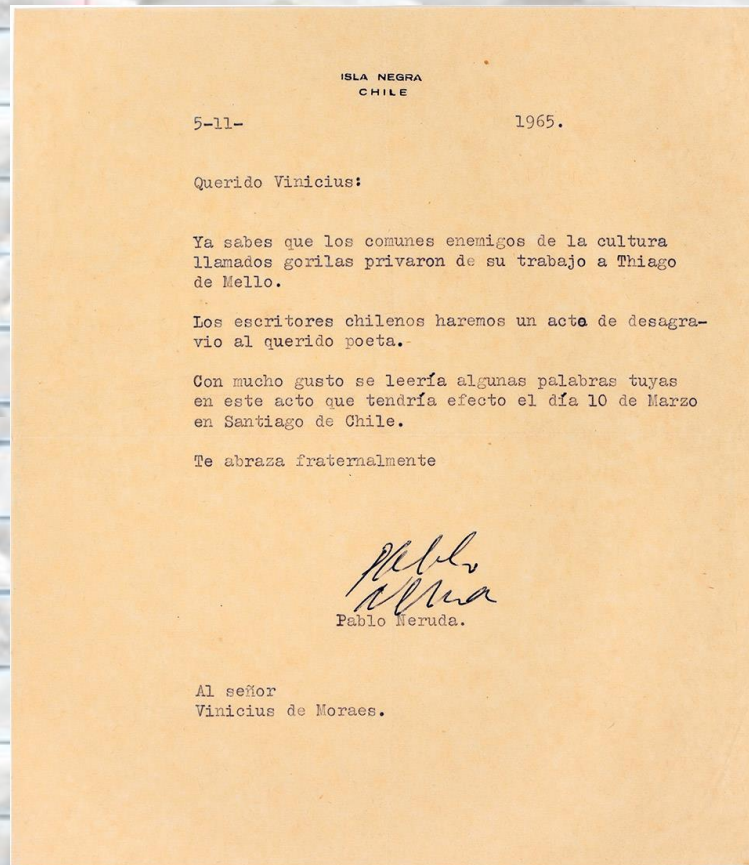
Beijos afetuosos,

Luiza Brasil.

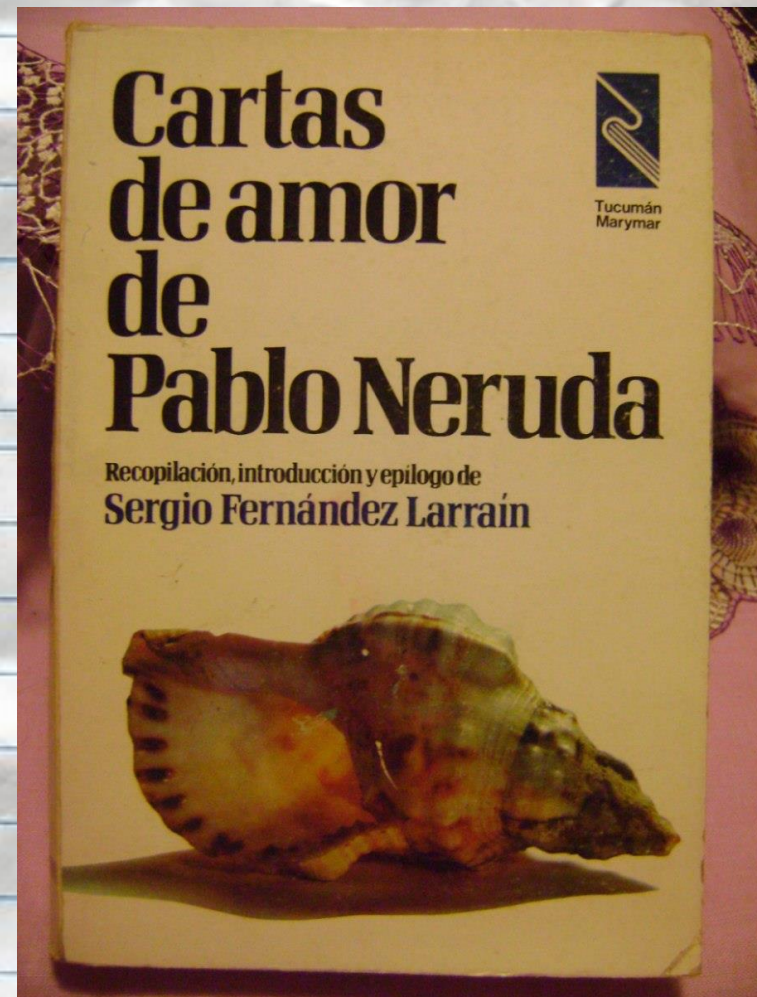


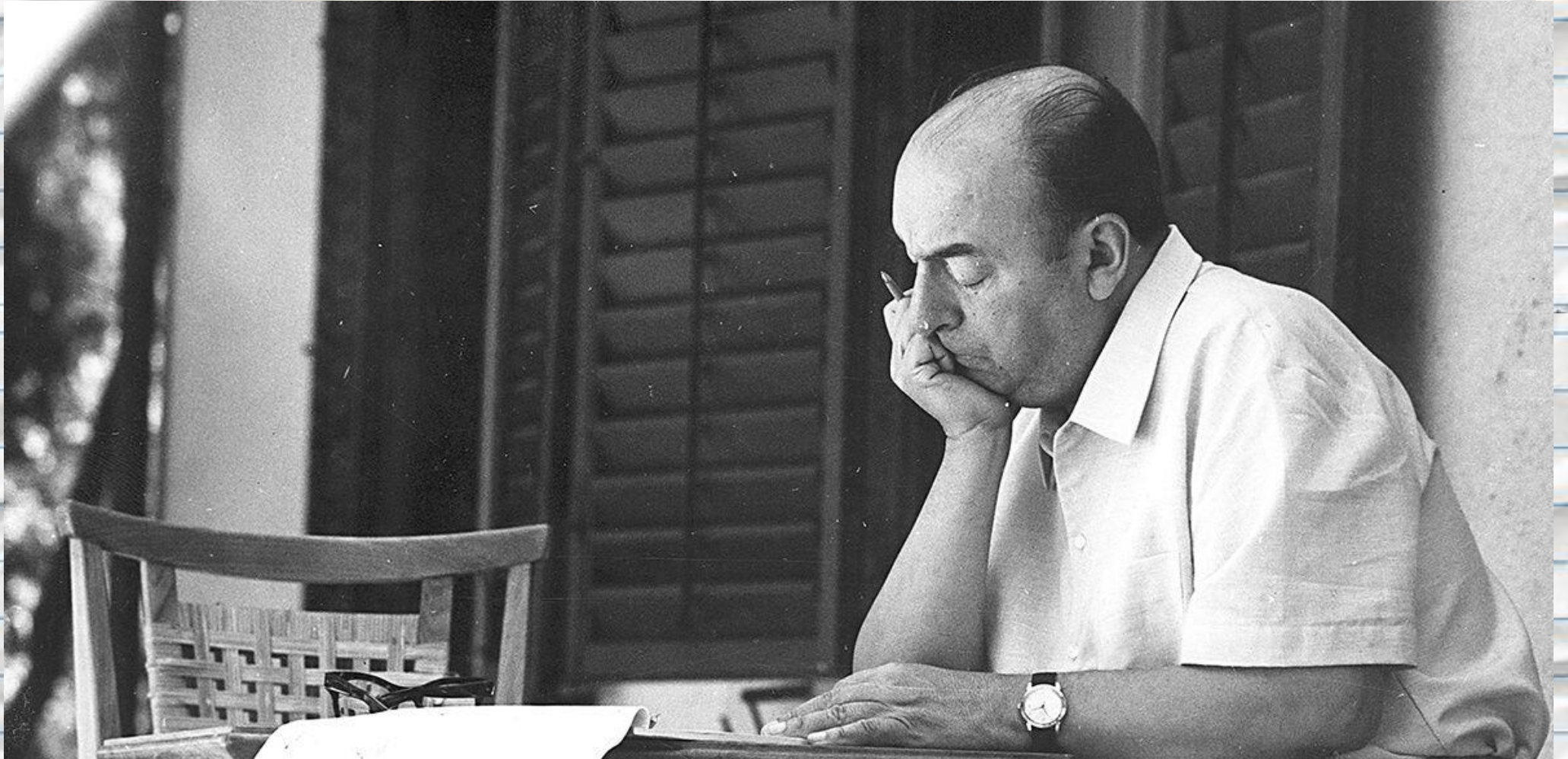




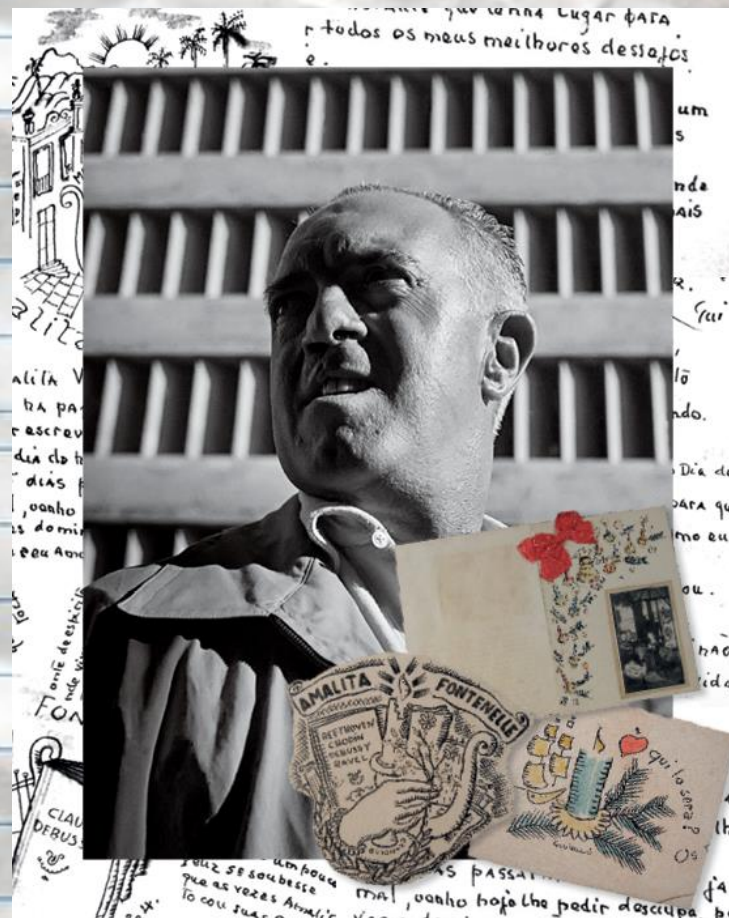


Carta de Pablo Neruda a Vinicius de Moraes





Cartões de amor de Guignard para Amalita



Alberto da Veiga Guignard
(1896-1962)



Entre 1932-1937, Alberto da Veiga Guignard fez em torno de 110 cartões de amor para Amalita



"A folhinha marcava 28 de junho de 1932, foi uma tarde num concerto do teatro municipal que uma dama desconhecida fixou de repente seus olhos em mim.

Forcei-me da melhor maneira a pensar se a conhecia ou não. A partir desse dia, um ânimo novo, desconhecido, atravessa o espírito de minha vida. A força de seus olhos me deixou num estado de grande perturbação. Seria o amor que já me enviava suas flechas venenosas?".





lettres et des lettres
Toujours
des
lettres qui...



1900 02 20 66

a amalita, de






28 de Julho 1932.




★
Sacco São Francisco




★
Castello Jururuca

★
mona da Glorie



★
mona Copacabana.

★
cinema.



! Toujours 2 cœurs une âme qui vivent..!

4CG 37.46.60



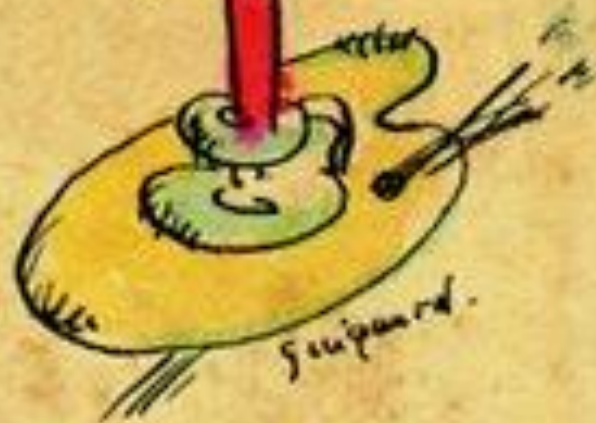
COMME AMI
E ARTISTE
QUE SUIS-
JE ?



VIVE



PA
DRA



ELLA







...esta chegou hoje de manhã, quis responder logo, tão os me
... deu tempo. Eu meio exaurido,
... que não vi uma

Remetente Caio Fernando Woolf

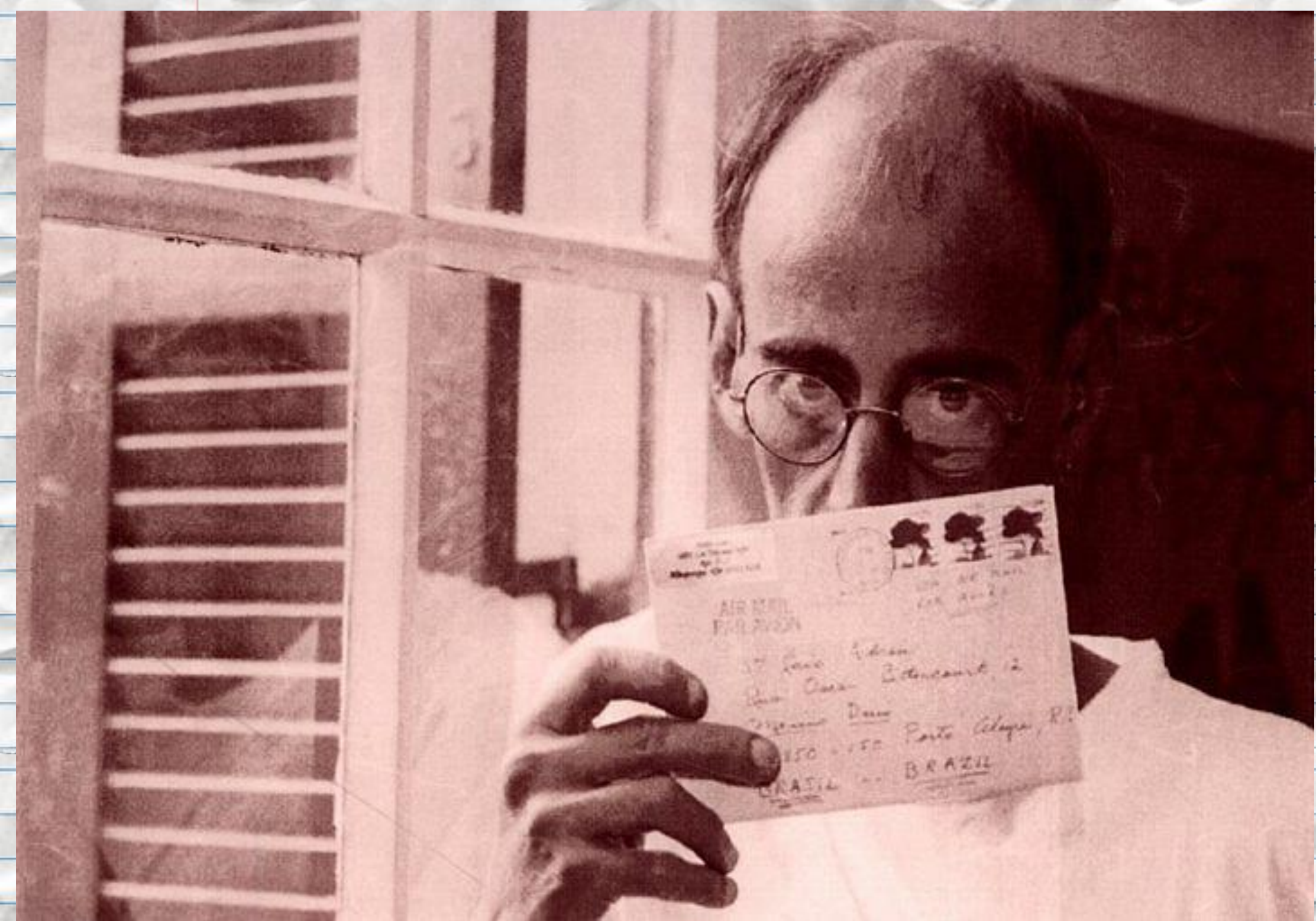
Endereço Almirante Alexandrino, 660 ep. 165

CEP

2	0	2	4	1
---	---	---	---	---

Santa Tereza - RJ

de cerca
o Appel para o Inventário, p...



AIR MAIL
POSTAGE

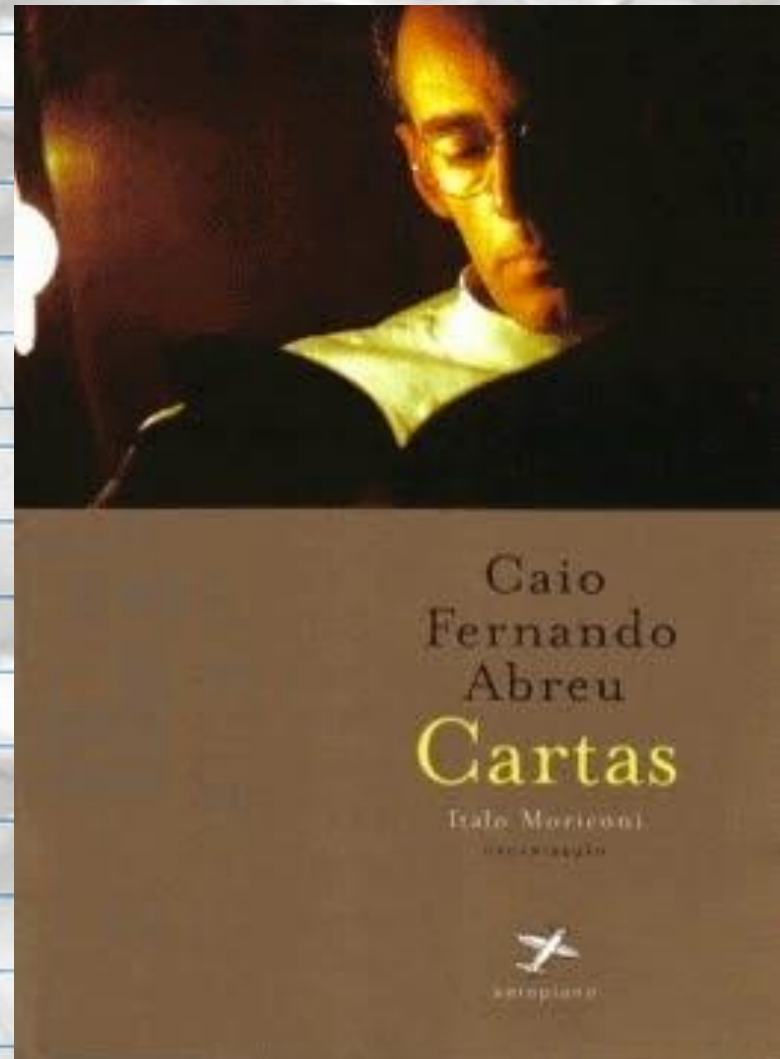
St. Louis, Mo.
Porto Alegre, R.S.
BRAZIL

150 - 150

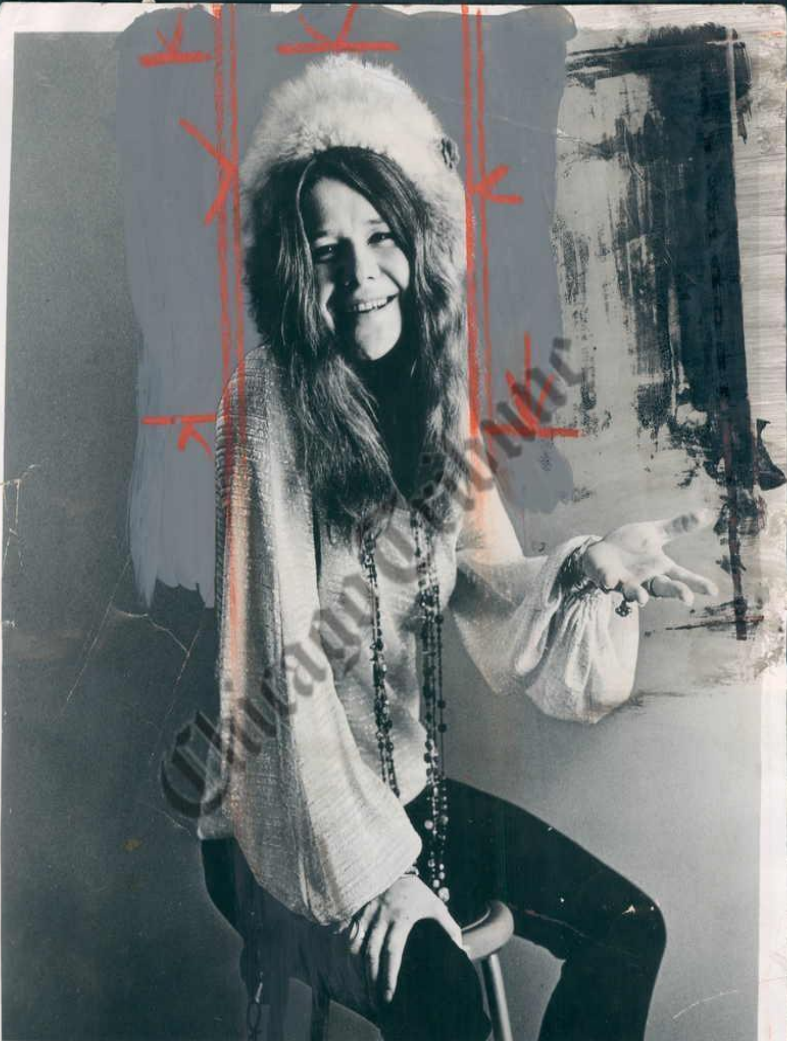
3 stamps

"A gente não deve permitir
que as cartas
se tornem obsoletas, mesmo
que, talvez,
já tenham se tornado".

Caio Fernando Abreu







JANIS JOPLIN

PERSONAL MANAGEMENT: ABC/M INC. /ALBERT B. GROSSMAN/JOHN COURT/75E.55ST.N.Y.C.

Handwritten notes and stamps on the back of the photo:

- Top left: *Janis* (circled in pink), *Arrive: Margaret's*, *to ALP*, *1/10/70*
- Top right: *JANIS (JOPLIN)*
- Center: *1686* (large blue handwritten number)
- Bottom left: *Janis Joplin* (handwritten)
- Bottom right: *1/10/70* (handwritten)
- Barcode: **ABJ-228-CT**
- Clipping 1 (top): *Your Host TOM DARE*
- Clipping 2 (middle): *JANIS JOPLIN*, *Sing*
- Clipping 3 (bottom): **JANIS JOPLIN**, **JAN 10 1970**, *in the overwhelming sterility of Madison Square Garden. "Mike John told about the other New York happening, at a recent Janis Joplin concert. Page 10. "Your parents have their own group - go out concerts often attract like music... Go in a have your indoor group. A 14-year-old well-chaperoned group. Page 11. music lover gets advice.*
- Bottom edge: **ALAN EDLSON & CO, INC**, **104 S MICHIGAN AVE - CHICAGO**
- Bottom center: *Joplin + Berman* (handwritten), **TODAYS** (stamped)

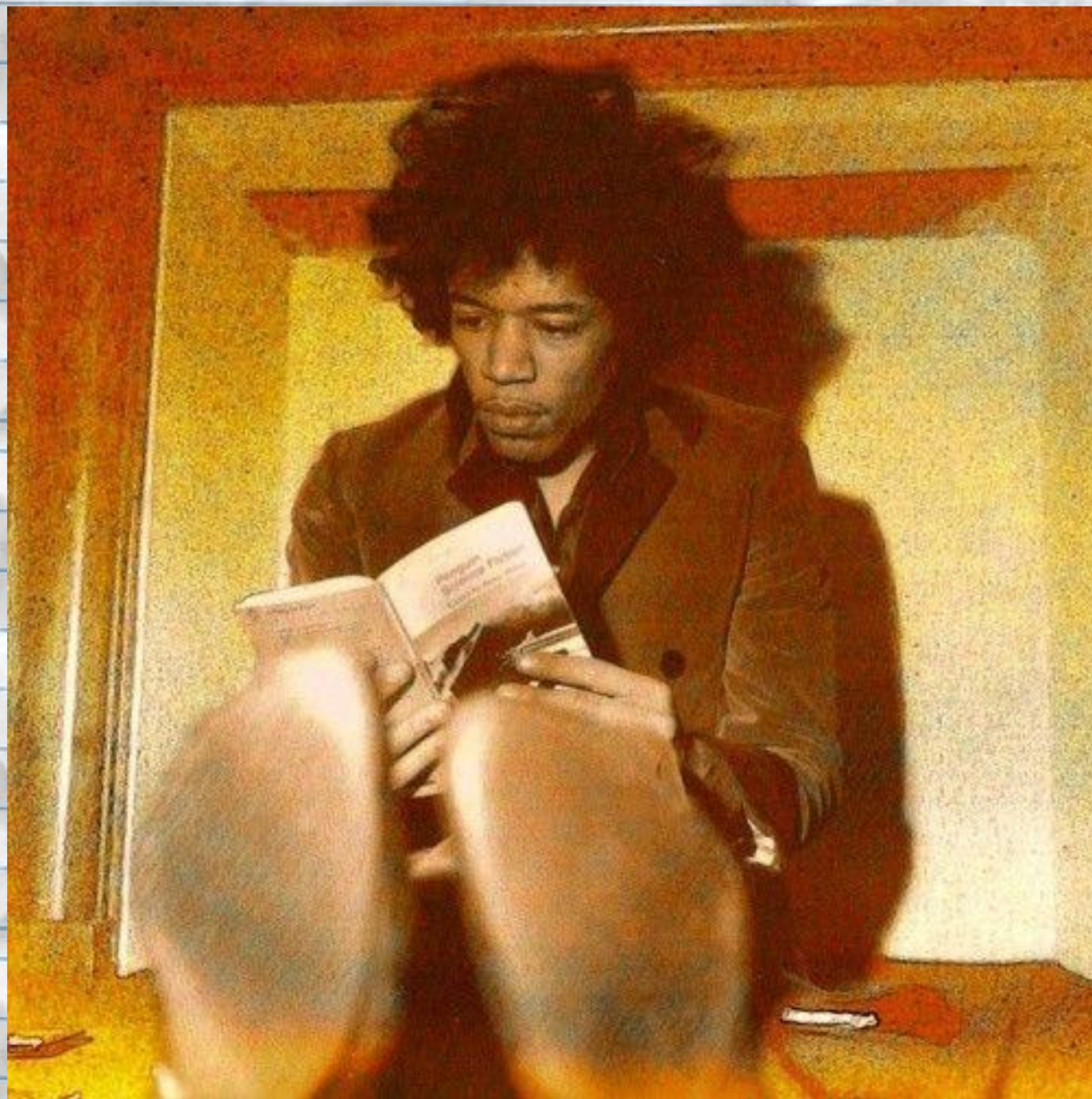
March 6

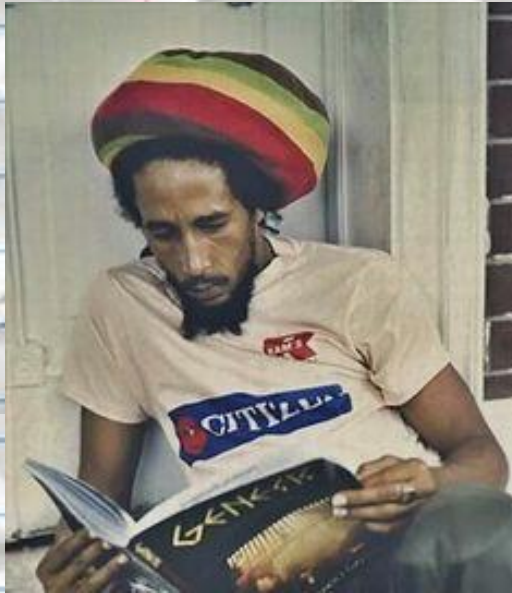
Dear Linda ...

Lots & lots of changes,
few of them good. Lots of
trouble in the band, most
of them revolving around
the fact that I think I'm
hot shit (as I'm told behind
the band's back by everyone
from Albert down) & the
band's sloppy. I guess we'll
survive but the live
recording is off now after
only one attempt because
we were so terrible. (Pat
I was okay!) God, I'm so
fucking confused! I think
New York has gotten to
us. Pat so far at least
I've put down smack

CARTA

JANIS JOPLIN





Carta Ruim

Eles vão se cansar de ver meu rosto.
Não podem me tirar da corrida.
Oh cara, você disse que estou em seu
lugar

E então você puxa carta ruim.
Faz você puxar carta ruim.
E então você puxa carta ruim.

Espalhar propaganda sobre meu nome
Digamos que você queira trazer uma
outra vida à vergonha.
Oh cara, você está apenas jogando um
jogo.
E então você puxa carta ruim. Puxa
carta ruim.
Faz você puxar carta ruim. Puxa carta
ruim.
Faz você puxar carta ruim.
Eu quero perturbar o meu vizinho
Pois me sinto tão bem!

Eu quero ligar o meu disco.
Explodi-los à toda energia esta noite.
Em um estilo esfrega-esfrega, em um
estilo esfrega-esfrega.
Em um estilo esfrega-esfrega, em um
estilo esfrega-esfrega.

Pois estamos guardando o palácio tão
majestoso
Guardando o Palácio tão realista
Eles vão se cansar de ver nosso rosto,
oh yeah!
Eu digo que não podem nos tirar da
corrida.
Oh cara, isto é uma grande vergonha!

A maneira como você puxa carta ruim,
puxa carta ruim.

A maneira como você faz jogadas
erradas, faz jogadas erradas.

A maneira como você puxa carta ruim,
puxa carta ruim.

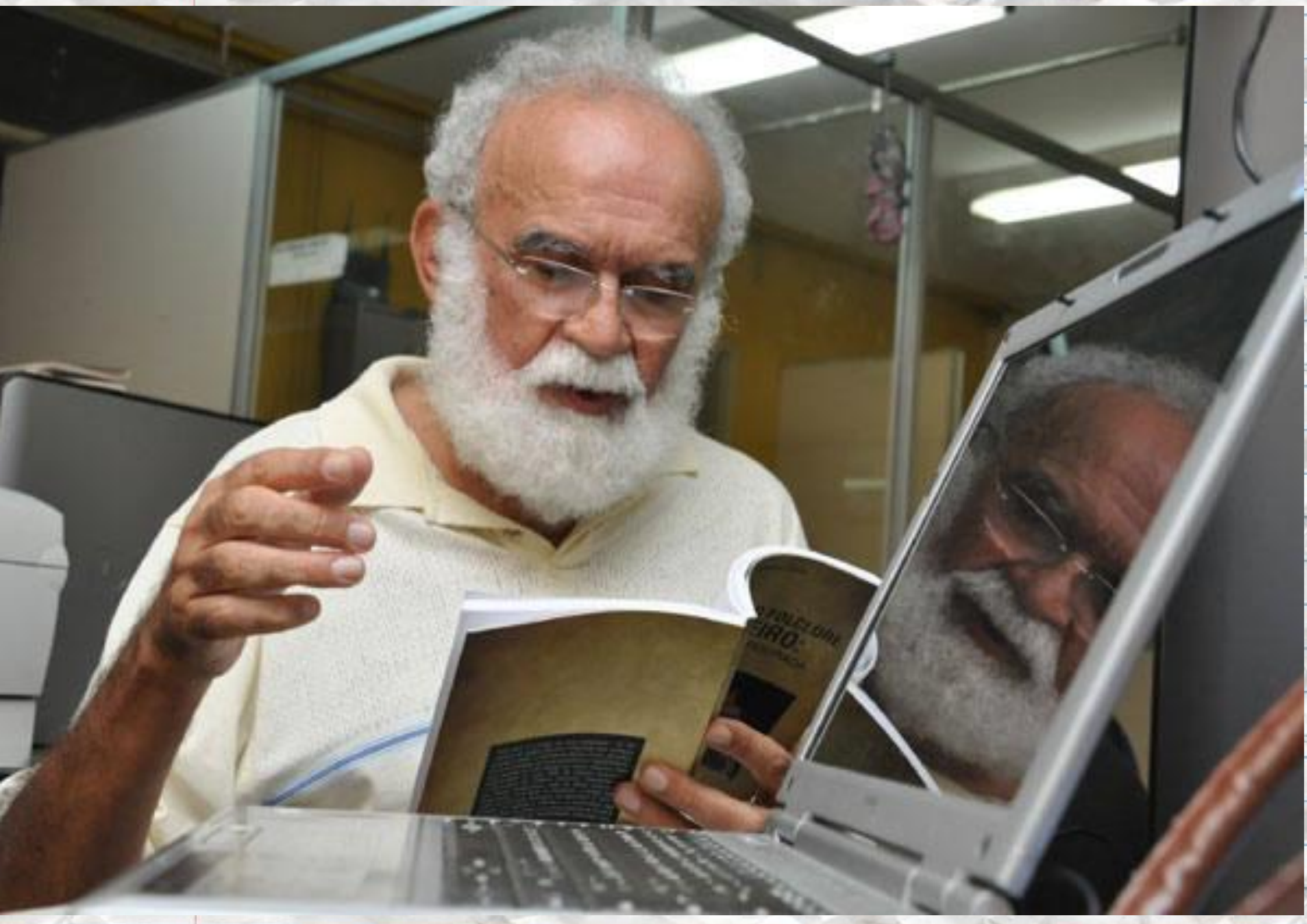
Faz você puxar carta ruim, puxar carta
ruim.

Faz você puxar carta ruim.

Em um estilo esfrega-esfrega, em um
estilo esfrega-esfrega.

Bob Marley







Postkarte
Weltpostverein — Union postale universelle
Carte postale
Cartolina postale — Družnica — Deutsche-Luft
Correspondenzkarte

18
4
18
18

Henri G...
Paris - Yverdon

Paris

